

PROJECTO IGUALDADE DE  
OPORTUNIDADES EM EDUCAÇÃO  
ESCOLA SUPERIOR DE  
EDUCAÇÃO DE SETÚBAL/CEE



A MULHER  
NAS BOCAS DO POVO  
E  
NA PENA DOS ESCRITORES

PROJECTO IGUALDADE DE OPORTUNIDADES EM EDUCAÇÃO  
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE SETÚBAL - CEE

COLECTANEA

DE

CONTOS E ROMANCES PORTUGUESES (EXTRACTOS)

E

PROVERBIOS E DITADOS POPULARES

SELECÇÃO E ORGANIZAÇÃO DE TEXTOS:

LUIS SOUTA

## FICHA TECNICA

.....  
TITULO:  
A mulher nas bocas do povo e na pena dos escritores  
.....  
COORDENAÇÃO E REVISÃO:  
Luís Souta  
.....  
COLABORAÇÃO:  
Albertina Palma, Regina Marques, Ana Josefina,  
Conceição Santos  
.....  
CAPA:  
Elizabeth Dupic  
.....  
COMPOSIÇÃO:  
Lubélia Santos, Maria José Santos  
.....  
IMPRESSÃO E MONTAGEM:  
Sector Gráfico da ESE de Setúbal  
.....  
EDIÇÃO:  
Projecto Igualdade de Oportunidades em Educação -  
ESE de Setúbal - CEE  
.....  
TIRAGEM:  
500 exemplares  
.....  
Outubro de 1989  
.....

---

## INDICE

---

Nota introdutória .....	7
I - A MULHER NOS CONTOS E ROMANCES .....	11
do Amor .....	13
do Namoro .....	16
do Casamento .....	31
da Maternidade .....	36
da Moralidade .....	38
dos Vícios e Perdições .....	41
da Aparência .....	45
da Moda .....	47
do Intelecto .....	51
da Personalidade .....	52
dos Gestos .....	56
da Diversidade .....	60
do Trabalho e Ocupações .....	68
do Ensino .....	76
da Política .....	78
da História .....	79
dos Usos e Costumes .....	80
das Virtudes .....	83
e de Outros Ainda .....	88

II - A MULHER NOS PROVERBIOS E DITADOS POPULARES 91

das Mulheres .....	93
das Meninas, Donzelas e Raparigas .....	116
das Moças .....	118
das Noivas e Esposas .....	121
das Damas, Donas e Senhoras .....	122
das Velhas e Viúvas .....	124
das Mães e Filhas .....	127
das Madrastas e Enteadas .....	133
das Sogra, Noras e Cunhadas .....	134
das Comadres .....	136
das Vizinhas .....	137
das Marias .....	139
das Rameiras .....	141
das Ocupações .....	143
e Ainda de Outras .....	145
Indice de Autores .....	149
Referências .....	151

---

NOTA INTRODUTÓRIA

---

A presente brochura - divulgada no Encontro de Formadores de Professores, "*Escola não Sexista: utopia ou realidade?*", de 27 e 28 de Outubro de 1989 - constitui um dos produtos realizados no âmbito do *Projecto de Igualdade de Oportunidades em Educação/Formação de Professores para uma Escola não Sexista*, da Escola Superior de Educação de Setúbal.

Trata-se de um projecto piloto, de investigação e intervenção, iniciado no ano lectivo de 1988-89 e com a duração de três anos; apoiado pela Comissão das Comunidades Europeias, o Projecto insere-se na linha de recomendações da *Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra as Mulheres* (1979) e tem a sua origem na *Resolução do Conselho e dos Ministros da Educação da CEE* (3 de Junho de 1985), que definiu um conjunto de medidas transitórias e de *acções positivas* tendentes a promover a igualdade de oportunidades entre rapazes e raparigas, ao nível do sistema educativo.

O Projecto português tem como alvo preferencial os professores(as), considerados como importantes agentes de mudança pelo papel educativo que desempenham junto das crianças e dos jovens, ajudando-os no seu desenvolvimento, no sentido da adopção de novas mentalidades, atitudes e comportamentos face aos fenómenos do sexismo e da desigualdade.

Para promover uma educação liberta de preconceitos sexistas e que possibilite oportunidades educativas iguais a rapazes e raparigas, o Projecto desenvolvido na ESE de Setúbal procura que os educadores(as) e professores(as) sejam capazes de:

- Tomar consciência dos seus próprios valores, atitudes e comportamentos, no que se refere aos papéis da mulher e do homem na sociedade, e da importância que estes assumem no processo de ensino e aprendizagem.
- Analisar criticamente os programas, os manuais escolares e outros materiais pedagógicos em função das imagens e dos papéis sexuais que transmitem.
- Utilizar estratégias e elaborar materiais pedagógicos alternativos que visem a igualdade de oportunidades para ambos os sexos.

E nesta linha de trabalho que esta brochura deve ser entendida.

O seu título - *A Mulher nas Bocas do Povo e na Pena dos Escritores* - traduz de imediato o seu conteúdo: textos sobre a mulher, uns de origem oral (provérbios e ditados populares) e outros de origem literária (extractos de contos e romances). Procurou-se assim juntar duas fontes, a erudita e a popular.

*A Mulher nas Bocas do Povo e na Pena dos Escritores* divide-se nestas duas componentes.

Na primeira parte - *A Mulher nos Contos e Romances* - reúnem-se textos de 25 autores portugueses dos séculos XIX e XX, retirados de 50 livros (romance, conto, teatro e poesia). Para além da acessibilidade, os critérios de selecção foram apenas os de nacionalidade e de época. Os 112 excertos encontram-se agrupados por diversos temas que vão do amor à moralidade, do trabalho à política, dos vícios às virtudes.

Na segunda parte do livro - *A Mulher nos Provérbios e Ditados Populares* - encontram-se 648 provérbios, ditados, adágios, máximas e lugares-comuns, que se organizaram tendo por base denominações atribuídas à mulher, de acordo com critérios como o da idade (moças, senhoras, velhas) ou do parentesco (mães, filhas, noras).

Se nos provérbios e na literatura se reflecte a cultura de um povo, então, através deles, também se pode conhecer o papel da mulher na sociedade portuguesa e, em especial, verificar as mudanças que se têm operado ao longo dos tempos. E este o principal objectivo deste livro.

Espera-se que os textos agora reunidos facilitem a tarefa de professores(as) e formadores(as), habilitando-os com um vasto e diversificado conjunto de materiais passíveis de utilização em actividades educativas e formativas. Para outros, no entanto, a leitura do livro pode constituir apenas um acto de prazer e diversão.

Por último, um agradecimento especial aos autores (e/ou editores) dos textos sem os quais este livro não existiria.

L.S.

I

## A MULHER NOS CONTOS E ROMANCES

Mulher!, em ânsias me estorço,  
Punge-me dentro o remorso  
De te não calcar aos pés!  
Tinha uma crença... mataste-a!  
Tinha uma luz... apagaste-a!...  
Mulher!, que monstro tu és! (p. 45)

Camilo C. Branco, "Coração, cabeça e estômago".

---

do AMOR

---

Era bem certo que as mulheres assim tornavam o pão menos duro e davam coragem para a vida. E o filho precisava de uma companheira, porque homem novo sem fêmea é como vinha sem bardo - não se aguenta na montanha com a primeira enxurrada.  
(p. 36)

Alves Redol, "Os homens e as sombras".



...mulher, essa divina botica de todos os bálsamos para todas as feridas, abertas na refrega das paixões nobres. (p. 136)

Camilo C. Branco, "Coração, cabeça e estômago".

... há-de acreditar em tudo: no amor de mãe, sem saber que esse amor é a especulação com a gratidão futura do filho; há-de crer no amor do filho, sem saber que é um servilismo fingido para tornar menos pesado o encargo do pai; há-de acreditar até, o desgraçado, no amor da mulher com quem casar, sem saber que, nos primeiros dias, o amor da mulher é um amor-reconhecimento por quem lhe dá o prazer material, e, nos seguintes, uma captação de confiança para alcançar a liberdade do vício. (p. 213)

Eça de Queirós, "Alves & C<sup>ma</sup>. e Outras Ficções".

O amor espiritualiza o homem - e materializa a mulher. (p. 205)

Eça de Queirós, "Contos".

Vocês sabem o que é o amor? O amor é cada qual ser como um cão. E a gente ser menos que nada e eles serem tudo. Ai têm o que é o amor. Ele a bater-me e eu cá comigo: - Tu que me bates é, porque gostas de mim...- Ai têm o que é o amor, é a gente ser menos que um cão... Eu escrava, ele o senhor. Acabou-se! Todas temos que sofrer.

- Todas. Não há nada pior do que nascer mulher. (p. 31)

Raúl Brandão, "Os pobres".

---

do NAMORO

---

Sempre que ia ao Porto, se recordava desses dias afastados. Era então um rapazola - e nenhuma outra mulher se lhe dera daquela maneira. Com a Maria do Cabo tinha de respeitar a confiança de lhe entrar em casa, a palavra dada... E era bem certo o dito dos mais velhos: para que sujar a água que havia de beber? Vinte anos de namoro! Se lho dissessem, não conceberia tamanha demora. Mas os vinte anos tinham passado. E como?!... (p. 277)

Alves Redol, "Porto Manso".

Já espigadote para os anos e atiradiço, entregava-se nas pastoras e, de modo geral, nas raparigas da sua idade ao jogo lúbrico que chamam amoçar as donzelas. Amoçam-se e *ipso facto* consagra-se-lhes a nubilidade. Rapariga amoçada é, portanto, rapariga casadoira. Desamoçar as donzelas é a operação ulterior que as eleva à categoria de mulher. Amoçam-se as raparigas palpando-lhes os seios, submetendo-as mesmo a uma gozosa e premente massagem. Afinal, que são os seios senão a campainha do afrodision? Elas

dobram a cabeça mais ou menos submissas ou procuram com fingida repulsa, fintas várias e insultos: - ah, cadelo! - furtar-se ao tagatê. Mas o arreite começa por ali. Bem amoçada, a rapariga está apta para o acto superlativo. Quando de tal frascário se diz: *desamoçou muita rapariga*, é um D. Juan de japona. (p. 240)

Aquilino Ribeiro, "O Malhadinhas".

Os bons usos ordenam que o homem se declare à mulher que ama depois que as impressões repetidas de vê-la e ouvi-la hajam desfalcado o vigor do sentimento. A praxe requer primeiro o êxtase, depois as sensaborias tartamudas, ultimamente a declaração, com o intervalo de três meses ao êxtase. (p. 120)

Camilo Castelo Branco, "A queda dum anjo".

... era por esta e outras razões que nas quintas-feiras antes de cada domingo se ajuntavam muitos rapazes e raparigas, naquela idade em que já olhavam para a sua sombra, em casa onde o Divino assistia, e entretinham-se num jogo de olhos que diziam mais que um alqueire de palavras ou então no jogo da bolachada, despique curioso entre saias e calças, as raparigas sentadas a uma banda, os rapazes na outra, ora dou eu, toma lá, ora dás tu, que

consolação; palavras para quê?, mesmo assim não faltavam namoros que se encetavam nas Quintas-Feiras do Espirito Santo e iam por ali adiante até ao altar-mor, onde o senhor padre João unia com a estola o que já estava unido há muito; só mesmo os santarrões, e eram poucos, graças a Deus, é que não tinha préstimo para aproveitar aquela liberdadezinha à conta do Divino, ao menos para verem uma fêmea à mão de semear, o que, tirante um ou outro caso de encontros nos quintais ( e só os mais malinos), era um castigo de Nosso Senhor; as raparigas, estávamos fartinhos de saber, eram muito tacanhas ao princípio, mas em começando o jogo da bolachada, sempre saíam um nico da casca; mas por dentro, derretidinhas, via-se-lhes nos olhos, mas não passava daí; rapariga que se prezasse nunca devia dar a entender o que quer que fosse, para mais diante de rapazes; se alguma tivesse tal alvedrio, Deus a livrasse, era pitafe para o resto da vida; os rapazes, esses tinham carta branca - *um home é um home* -, machos até aqui, a um homem nada lhe fica mal; quando se acabava o despique da bolachada, vinha a dona da casa, toda não-me-toques, por ter o Divino de portas a dentro, com tigelinhas de barro vidrado acaculadas de milho cozido e o homem, também com ares de pertencer à família da Santissima Trindade, ia enchendo os calzinhos de cachaça da terra e de abafadinho, mas só para os barbados, o mulherame que bebesse chá Gorreana ou de maria-luís, de muito préstimo para abafos e desarimentos do coração; em menos de um palito,

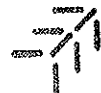
ficavam os rapazes com umas fortalezas e uns vapores que trepavam por aquelas cabeças, capazes de fazerem um homem embrulhar os molestes da vida numa rodilha - oh grande Divino Espirito Santo, consolação das nossas almas e corpos, vivô Divino!; era neste entrementes de cilhas mais lançantes que começavam a sair uns fuminhos desajeitados de palavras meiguiceiras que as raparigas, mais vermelhas do que caranguejos cozidos, bebiam que se consolavam; só pobre Mariana, que tinha do apelido de Cabeça-de-Vento, é que teve uma sorte caipora: nunca ninguém se chegou à fala para o grave, acabando a rapariga, que não era nenhuma peste, por ficar para tia e não foi à falta de andar sempre metida nas funçanatas do Divino, era até milagre uma pessoa não a ver naquelas tardinhas e serões pachorrentos de bolachadas e milho cozido, toda ela em ponto de suspiro, revirando os olhos e fazendo uns trejeitos com as ancas reboludas quando lhe vinham pedir a mão para a palmatoada meiga; uma criatura até ficava num desarimento ao vê-la naquelles preparos entesoantes, a blica punha-se como devia ficar: tempos esquecidos naquela tesidão, umas dores finas subindo da saquinha das bolas, não havia outro jeito senão ir tocando ao bicho, a mão metida na algibeira rota com o lenço de assoar prontinho para aparar o leiteço que vinha de esguicho, louvado seja Deus; com a Mariana nunca se passou disto, era a sina dela que não puxava para mais; ainda para melhor ajuda, a rapariga usava óculos, e isto de mulheres com antolhos, já dizia o

outro, não servem para casar, nem remendar roupa podem, porque não enxergam diretamente; (p. 50-51)

Cristóvão de Aguiar, "Raiz comovida".

As raparigas casadoiras eram arrochadas em casa como freiras, mas era demais tanta aperreação; tudo quanto passa das marcas não é lá grande coisa, quem muito aperta, pouco arrocha, já diziam os nossos antigos e com razão; e era o que assucedea as mais das vezes; aperreadas dentro de quatro paredes durante todo o santo dia, era milagre ver uma rapariga espigadota sozinha pelo caminho, a não ser as que já andavam na boca dos cães, só tinham orde de aparecer uma nisquinha à janela nas tardes pasmadas dos domingos e dos dias santificados pela Santa Madre Igreja, e, mesmo assim, nada de rêdea solta nem coisa que se parecesse; as coriscas das mães eram umas cegonas de olho arregalado e nariz afilado, farejando se havia moirama na costa, não fosse algum mais lapareiro comer-lhe a filha com os olhos, de longe, ou dar-lhe umas palavrinhas de boca pequena; mas a Divina Providença não se deixa dormir; o Ti Clemente Pimpão tinha duas filhas gêmeas, que eram femas de respeito, mas o pai gavava-se que não havia nenhum fideputa que se consolasse de as namorar e isto porque bispou um fralda-cagada qualquer rondando-lhe a casa; o rapaz não era ruim, mas o Ti Clemente achava lá nas suas ideias que as filhas não regiam para ele; vai daí,

o home intê pregava as janelas da frente quando viu que o safado andava mesmo a arrastar a asa lá pelas suas bandas; assim com as janelas pregadas não tinha dúvida nenhuma de que não havia a mais pequena pitada de olhares ou falas de boca pequena entre eles; um belo dia, apareceram as gêmeas pranhas como duas vacas e ainda por riba do mesmo rapaz; intê se dizia por pilera que uma delas tinha sido impranhada pelo Divino Espírito Santo, e o certo é que um dos pechinchinhos ficou mesmo com o apelido de Menino Jesus; foi um desarremate dos demônios, porque o rapaz devia casamento às duas, mas só podia casar com uma; o Ti Clemente Pimpão ainda prescurou ao princípio pôr uma demanda em tribunal, mas vendo que não amanhava nada e não se livrava da nôdea, pegou em si e embarcou pra Amerca com o desgosto e nunca ninguém lhe pôs mais o olho em riba; uma das gêmeas ao depois casou com o rapaz que a tinha enganado, os pequenos tratavam-se por irmãos e chegou a zoar pela freguesia que aquilo era uma noite com uma e outra com outra, era o jogo da vez e outra, uma porquidade das mais grandes que assucedeu na nossa freguesia; mas não deixo de não dizer que os nossos antigos tinham toda a razão quando diziam que quem muito aperta, pouco arrocha; se as raparigas tinham derricko, e isto principiava quase sempre nas festas do Divino ou da Senhora da Boa Viagem, penavam os olhos da cara pra darem dois dedos de conversa com o namorado, que andava numa arredouça pra baixo e pra cima, ou intances, se as pernas pediam descanso, servindo de espeque a



alguma parede ali ao pé, na mira de uma ocasião mais coisa e tal pra despejar a saquinha dos sentimentos; mas as mais das vezes era trabalho botado ao vento, ficava intances o rapaz mais brabo que o mar das Calhetas, quando lhe assopra o mata-vacas por riba do pêlo; não havia outro remédio senão esperar com pachorra pelo domingo que vinha, e o que vinha ao depois de uma semana de desarimento não era maravilha nenhuma, mas se o rapaz tinha bem querer à rapariga todos esses contratempos inté serviam de aguilhada que picava, mas não invetava que o rapaz ficasse abarbadado à rapariga; este desconsolo só tinha diretamente conserto, quando ele se enchia de corage, e olha que era precisa muita corage, pegava em si e ia acertar o casamento com o pai da rapariga; mas pra um rapaz se botar a fazer uma vantagem dessa qualidade, tinha muito que se lhe dissesse: ter ficado livre nas sortes ou, se acaso tivesse que ir malhar com os costados nas tarimbas do Regimento, só ao depois de ter largado as correias; era preciso que amanhasse ou tivesse já amanhado um arremedeio de vida, que desse ao menos prò pinzinho de ambos os dois e das bocas que viessem ao depois; se o rapaz tivesse em comparação algum cerradinho ou uma terrinha de renda, era intances oiro sobre azul; sem essas coisas, era muito custoso um home acertar o casamento: não era qualquer que se aventurava a chegar-se à fala com o pai da rapariga assim sem mais nem menos; tinha por dever e obrigação lovar consigo um home mais velho e de remate pra irem intances à boquinha da noite a

casa da noiva, que, vermelha como um caranguejo cozido, nem sequer aparecia nas exêquias; ora isto de acertar casamentos assucedida quase sempre aos domingos, a casa sempre estava mais atimada e as pessoas não tinham muito que fazer; bem entendido que aquele que ia servir de padrinho naquela ocasião combinava as coisas uns dias antes com o cabeça de casal pra ele se ir preparando mais à sua ameidade e ao mesmo tempo pra ver o andamento da carroça; nunca lhes passava pelo bestunto irem assim de supetão bater à porta de um home com uma filha em vias de tomar estado, pois ninguém adinvinhava o que podia assuoceder; nunca se sabia quando vinha um amargo de boca ou mesmo um daqueles desarremates de deixar um home inocente de cabelos em pé e mais envelhacado que eu sei lá; não era a primeira nem haveria de ser a última que uma coisa dessas assuocedia; que o diga o mestre Maiato, que ainda anda por aí; quando ele era rapaz novo, era o que se chomava um demônio, um feitio retorcido e mais ariado daquela cabeça ca o Guillerme Maluco, que não tem os alqueires bem medidos; ainda pra mais, o Maiato gostava de se fazer mais que os outros; segue-se intances que o Maiato ficou abarbadado pela filha mais velha do Carreira da Lomba, inté lhe chomavam o Rei da Lomba e do Cascalho por via da sua soberba; tinha ele três filhas femas, todas elas perfeitas e metendo cobiça à rapaziada da mesma criação, mas o laparoso do Carreira ateimava que não tinha posses, um unhas de fome, pra dotar as três filhas; isto de casamentos de

casa, principalmente pròs pais da noiva, lovavam couro e cabelo: ele era a boda, ele era o enxoval, ele era as mobílias do quarto de jantar e do quarto da cama, o corisco; toda esta despesona era paga e espichada pelo pai da rapariga; quem tinha filhos machos nem sabia a sorte que lhe tinha caído em casa: o noivo só lovava consigo umas roupinhas, um penico de esmalte que um home mercava no Ferro Velho e pouco mais; claro está que sempre concorria com umas galinhas, umas dúzias de ovos e uns quilos de açúcar pra massa sovada e prò arroz doce, mas tudo isto não passava de uma gota de água em comparação com os poderis de dinheirama que se gastava da outra banda; era por estas e por outras que o sovina do Rei da Lomba e do Cascalho queria fugir com o pé à ferradura; vai daí, o mestre Maiato embeijou-se de tal maneira pela Deolinda, que andava intê infernizado, sempre a farejar como um cão de caça a casa do Carreira da Lomba, com o sintido de a bispar à jenela ou por trás dos vidros pra lhe dar o sinal do seu bem-querer; a rapariga começou-lhe a dar sorte, já se ria para ele e tudo, mas não passava daí; o quintal tinha paredes altas e não havia serventia de préstimo pra se chegar intê lá; num dia de mais desarimento, daqueles dias em que um home acorda com um bichinho a atramoçar-lhe o juízo, o Maiato não se aguentou mais e prantou-se no Largo de S. João esperando pela noitinha; o Carreira chegava pouco mais ou menos pelas Trindades, na sua charrete, das terras do Cascalho; depois de entrar pelo portão dailharga

ia desarrear a égua, dava-lhe uma gavela de folha, uma maquia de milho e arrumava a charrete no alpendre; o Maiato deu-lhe tempo de atimar tudo e, quando entendeu que o home já estava despachado, foi bater ao ferrolho da porta de caminho, pondo pra trás das costas os nossos costumes ceidiços que a gente estava avezada a usar naquelas ocasiãs; o Rei da Lomba e do Cascalho veio abrir a porta; o Maiato disse o que tinha a dizer, mas palavras ainda não eram ditas diretamente: venho aqui por via da sua filha Deolinda..., ah rapaz, o Carreira quando percebeu aonde o Maiato queria chegar, não esteve com muitos rodeios: saiba o *senhor*, aquele *senhor* estava ali por escárnio, pois o Carreira tratava toda a gente por tu cá, tu lá, saiba o *senhor* que se enganou na porta, porque não tenho filhas pra casar, e malhou-lhe com a porta na cara; naquela noite houve derremunho debaixo das telhas do Carreira; apanharam todas pela medida grossa, mulher e tudo, mas a mais mal tratadinha foi a Deolinda, que ficou com o corpo pregado de nódeas negras; malino e finório como o sol não cobria, o Rei da Lomba e do Cascalho procedia daquela maneira, porque estava ciente que na fim o rapaz, aquele ou outro, farto intê aqui daquele jejum e abstinência de Coresma mais comprida ca recta das Capelas, ia numa noite qualquer, juntamente com um home e uma mulher de timalho, roubar a rapariga; ao cabo de meia dúzia de dias, casavam-se como mandam os Mandamentos da Santa Madre Igreja, os pregãs comprados, já se vê, por via de não dar muito que

fazer às línguas mais destameladas; tudo acabava em bem; os pais da noiva no dia do casamento saíam da freguesia de testa franzida pra se mostrarem tístos; eis aí está como o Rei da Lomba e do Cascalho e outros da mesma laia se livravam de gastar três vinténs furados com o casamento das filhas; eles sabiam que, mais cedo ou mais tarde, e isto calhava quase sempre quando nascia o primeiro chinchim, entravam-lhe os três pela porta dentro pra lhes pedir a bença, ficando tudo e todos como se nada fosse: abraços e beijos e lagrimaceira de fazer doer o coração.

Se acaso não havia moleste de qualidade nenhuma em um home acertar o casamento, e não era raro, a não ser que as famílias pertencessem a partidos diferentes (as Músicas eram o diabo em couro), os noivos intances passavam a ter mais uma liberdadezinha; tinham orde de falar à jenela pelo menos duas vezes por semana, às quartas e aos domingos e nos dias santos de guarda; dando-se o caso de as janelas serem altinhas, um home não tinha outro remédio senão ficar especado horas esquecidas rente à parede da casa, intê dava mau jeito ao pescoço, mas immentes um home é novo tudo se torna gostoso, tudo mete cobiça; se a jenela era de raça rasteira como certas mulheres piorrinhas, intances não te digo nada; um home que passava no caminho na sua inocença ficava às vezes mais vexado que eu sei lá; aquilo valia tudo, e, ao depois, a partir de certa altura em diante, os namorados

ficavam de tal maneira enturvados que pensam que estão sozinhos neste mundo: pode passar uma procissão à porta que eles não fazem caso; às vezes sô se viam os pés do rapaz, o resto do corpo metido pela jenela dentro, num derretimento de um home se banzer; alguns dos pais que tinham filhas de casamento certo não se atreviam a passar nessas alturas turvadas a caminho de casa: ou ficavam mais um migalho na venda ou intances principiavam numa tosseira a mais de cem metros de lonjura, e mesmo assim não havia às vezes maneira de descolarem; o nosso padre vigário não se cansava de botar pra baixo nos evangelhos da missa dos domingos, era intê milagre ele não tocar neste assunto, parecia que lhe brilhavam os olhos, que a nossa freguesia estava precisando de uma barrela e de um grande castigo do Céu como Sodoma e Gororra, tal era a pouca-vergonha e a porquidade da maior parte dos namoros de jenela baixa que se viam por essas canadas e caminhos, às escâncaras, era sem tirar nem pôr o demônio à solta na carne, arrastando as correntes com os dois desavergonhados nelas ensarilhados, e sô era pena que as mães não tivessem mãos rijas pra aperrearem as filhas no recato da casa, pois uma mulher virtuosa era uma mulher de remate e de sua casa, que se revissem no inzemplo da Virge Santa, dando à luz sem conhecer varão; que um dia haveram de dar estritas contas a Deus pelo mau encaminhamento que davam às filhas; o sô padre sanfonava e tornava a sanfonar, mas o relambório não pegava de galho, ficava tudo como dantes, mas

um home saia da igreja como uma zoadada nos ouvidos, uma chiadeira pior caquela que faziam os carros do Senhor Espirito Santo; ele intê de uma vez, desesperado por pregar prò boneco, saiu-se com uma pela boca fora das grades abaixo que caiu muito mal em todo o povo, mas ninguém lhe foi pedir satisfações; toda a gente se arreceava do padre Antônio como o diabo da cruz, tirante o mestre José Emilio, que era um home de ventas; o nosso saçardote disse intances num domingo esta coisa desconchavada: a noiva que eu casei ontem neste mesmo altar, só faltou alomear o nome, mas também não havia precisão, devia ter trazido um ramo de urtigas em vez de flores de laranjeira que trouxe, toda cheia de si, porque veio arreceber um santo sacramento em pecado mortal; a pobre da noiva, que hoje em dia é uma mulher de respeito e mãe de filhos, tinha dado uma escorregadela e foi prò altar com uma barriga já acrescentadinha; vê agora lá tu o grande pecado mortal, puta que o pariu; por quem Nosso Senhor nos mandava os seus santos avisos: o padre vigário, que não se ensaiava nada pra desinquietar uma búa fema e tinha alguns afilhados que eram o seu retrato direito! (p. 123-130)

Cristovão de Aguiar, "Raiz comovida".

- Tu estás tola, priminha. Eu namorar-te? Tem graça, palavra. - E com ares de cinico: - As mulheres de teatro não se namoram.

Albertina estava atônita do que ouvia:

- Então? - disse ela sem saber, ao acaso.

- É simples - ia dizendo Jorge. - Primeiro cercam-se como as cidades sem viveres. Depois compram-se. Entendeste? (p. 191)

Fialho de Almeida, "Contos".

Ao escurecer, na Cantareira, passam da fonte as raparigas, com o cântaro à cabeça e as mãos na cinta. É a hora do namoro. Param a conversar com os rapazes, que as esperam nos varais. Em Mira é à clara luz do sol: elas sentadas, eles deitados de bruços, atiram-se de quando em quando punhados de areia. Em Matosinhos, os pares vão de mãos dadas pelo areal fora, enquanto a velha cautelosa espreita à porta e ralha:

- Olha lá se perdes a cortiça da marca, rapariga!

- Não há-de ter dúvida...- E sorri, envergonhada.

- Vai com ele para a praia e depois põe-te a barregar: O tio, o tio, deite para cá o batel. (p. 104)

Raúl Brandão, "Os pescadores".



O seu noivado dura pouco - o que dura sempre é a amarga vida trabalhosa. Dantes o moço, em vésperas de casório, atava o lenço da noiva, como bandeira, à proa do barco. Duas lanchas, as enviadas, iam apanhar-lhe o peixe para a boda. E elas fiavam durante meses o ticum para as redes do casal... (p. 112)

Raül Brandão, "Os pescadores".

---

do CASAMENTO

---

Casado que arrasta a asa  
à mulher deste e daquele,  
merece que tenha em casa  
outro homem em lugar dele  
(p.30)

Antônio Aleixo, "Este livro que vos deixo...".

A Maria ia casar, tinha 16 anos como ela. Nessa idade todas as raparigas do rio já viviam com homem ou já estavam prometidas. (p. 69)

Alves Redol, "Avieiros".

Se tivesse a sorte de ser seu marido, palavra de honra, só saía de casa para darmos uma voltinha, e depois ninguém me tirava do quentinho...

- Dizem todos o mesmo... (p. 165)

Alves Redol, "Histórias Afluentes".

O hábito deve ser de sempre e a expressão, ao que penso, já vem de longe. Ao sábado, pela tardinha, as mulheres casadas que trabalham na Lezíria abalam das empostas, descuidosas dos quilómetros que caminharão a pé, dito de um lado, risota do outro, numa vivacidade toda de nervos, e logo os seus nomes correm no rancho, dizendo-se que vão à vila mudar de meias. "Ir mudar as meias" significa ir matar saudades dos maridos.

A gente da vila desconhece a expressão da malta do campo e começou a usar essa outra "de ir às uvas", sempre que se trate duma aventura que meta saias... (p. 61)

Alves Redol, "Olhos de água".

- Lembre-se que Helena é ainda uma rapariga.

Silva Costa sentiu a referência como um remoque à diferença de idades.

- As mulheres casadas não têm mocidade, Sr. D. Fernando. (p. 227)

Alves Redol, "Os homens e as sombras".

A outra rira-se, muito gulosa, sempre lambareira em contar intimidades com o seu homem, um bruto que a desancava de porradas, mas que a cansava de prazer. (p. 158)

Alves Redol, "Vindima de sangue".

Já com esta são três que te escrevo, e ô por hora nem uma nem duas da tua parte. Marido!, que fazes tu, que não me respondes? Ando a futurar que não tens o miolo no seu lugar. Longe da vista, longe do coração, diz lá o ditado. Ora, queira Deus que não seja por minga de saúde; e, se é, di-lo para cá, que eu estou aqui estou lá.

O primo Afonso de Gamboa esteve cá há dias, e a modo de caçoada foi-me dizendo que lá na capital as mulheres enguiçam os homens e fazem deles gato sapato. Eu fiquei sem pinga de sangue, meu Calisto! Mal fiz eu em te deixar ir às Cortes. Bem tolo é quem está bem na sua casa, e se mete nestas coisas dos governos, que só servem para quem não tem que perder, como diz o primo Afonso.

O pior é se tu pegas a doidejar com as mulheres e saís do teu sério. Eras um marido perfeito como a santa religião o quer, e tenho cá uns agouros no peito que me não deixam fechar olho há três noites. Deus te defenda, homem, e te traga aos braços da tua mulher são e escorreito da alma e do corpo.

Saberás que o mestre-escola anda de candeias às avessas porque tu lhe não respondes a carta em que ele te pediu uma venera. Olha se lhe arranjas isso, ainda que te custe pedir ao rei ou lá a quem é a tal coisa. O homem tem-me feito favores, quando eu preciso que ele me leia a relação dos foreiros. A vaca preta comeu o bicho e morreu ontem à noite. Lá se vão cinco moedas e um quartinho com a breca.

O centeio da tulha do meio deu-lhe o gorgulho, e tratei de o vender, a trezentos e quinze, foi bem bom arranjo; eram mil e duzentos alqueires.

Olha cá, meu Calisto, disse-me a Joana Pedra que ouvira dizer ao Manuel da Loja, que ouviu dizer ao compadre Francisco Lampreia, que veio de Bragança, que lá lhe disseram que tu mandaras ir de casa de um negociante mais de cem moedas de ouro!!! Fiquei estarecida. Pois tu lá não recebes do rei dinheiro que te sobre? Em que afundes tu tantas moedas, homem? Vê lá no que andas metido, Calisto! E, se te for muito necessário algum dinheiro, cá estou eu para to mandar. Aquele caixote de peças de duas caras fui há dias escondê-lo na lareira da cozinha velha, porque tenho medo à ladroeira desde que andas por lá.

Não te enfado mais. Responde sem demora, que estou muito consternada.

Tua mulher que muito te quer,

Teodora (p. 111-112).

Camilo Castelo Branco, "A queda dum anjo".

Esse quarto de hora de suprema realeza das mulheres é tudo que elas têm, e pouco mais. Esse espaço de fascinação, que nos embrutece, é a divinização delas. As pobrezinhas, quando o tempo as apeia dos altares, e os maridos convertem a prata dos turibulos em caixas de rapê, fica-lhes sempre a memória daquele quarto de hora. (p. 120)

Idem

Uma mulher, depois de um mês de casada, pede ar, abafa, sufoca; vai à janela, olha toda a cidade, desaperta o colar, sente-se esmagada, escravizada, comprada; e se passar na rua, nesse momento, um homem com olhos mais lindos que os do marido, chama-o para o seu seio. As mulheres, dizia alguém, são vaidade da cinta para cima e podridão da cinta para baixo: pois bem, digo eu, quando andam é a podridão que as leva, quando pensam é a vaidade que as domina. (p. 214)

Eça de Queirôs, "Alves & C<sup>a</sup>. e Outras Ficções".

---

da MATERNIDADE

---

Insistia com a mulher e a sogra para que se não coibissem em despesas que considerassem necessárias; e pagava tudo sem hesitar um instante ou levantar uma objecção. Quando as ouvia conversar acerca da cor das roupas - rosa ou azul, rapariga ou rapaz? - achava que deveriam dar a preferência ao azul - porque ele era o pai e queria um rapaz -, mas tirava-se de embaraços, insistindo para que fizessem duma e outra. (p. 104)

Alves Redol, "Vindima de sangue".

- Porque uma mulher só é sagrada enquanto anda grávida... (p. 113)

Miguel Torga, "A criação do mundo - III".

São mães extremosas, e grandes parideiras de filhos para o mar. Quando lhes chega o tempo,

metem-se na cama, com um casaco ou uma calça dos homens pelos ombros, esperando a hora com paciência. Só têm o cuidado de que a luz da *graxa* fique acesa toda o dia e toda a noite no casebre, para que o *minino tenha alminha*. (p. 111-112)

Raul Brandão, "Os pescadores".

---

da MORALIDADE

---

... se digo isto é porque o que te vou contar é uma niquinha picante pra ser contado diante de uma mulher; é sempre bum um home dar um ponto na língua em frente de uma rapariga ou mulher de timalho; (p. 148)

Cristóvão de Aguiar, "Raiz comovida".

Finalmente o comboio apitou. Engraçado, naquele momento todos se lembraram do que queriam dizer. Evita falar com homens, conversa antes com senhoras, a mãe. E ao mesmo tempo Martha: Cuidado em Ostende! (p. 99)

Ilse Losa, "Rio sem ponte".

- Um grande asseio nos prédios e nas ruas - continuava ele. - E tem dois balneários, sabe? O do Clube Náutico e o balneário público!... Este, aos

sábados e domingos, sempre em serviço todo o dia. Operários e operárias, empregados e empregadas públicos e do comércio, velhos e novos, crianças, todos lá vão. Homens e mulheres num balneário público!... Pensar em tal no meu tempo! Mas Vila Real é assim: acompanha o progresso. (p. 58)

Manuel da Fonseca, "Crônicas Algarvias".

*Aprendiz* - Logo o senhor Marquês de Pombal foi proibir as mulheres nas comédias!

*Histrião* - Januário! As Artes são prenda dos homens!. As mulheres vieram ao mundo para lavar a roupa, cozinhar, ceifar os campos e ser a mãe dos nossos filhos!...

*Aprendiz* - Mas lá fora há italianas nas óperas...!

*Histrião* - Umas peruas! Súcia de desavergonhadas!. E fica certo, rapazinho: um bom castrado da Sê... vale bem duas ou três dessas cantoras!... (p. 59)

Romeu Correia, "Bocage".

Mas naquele viver estúpido e presumido da Horta estava decretado que uma rapariga da sua condição não podia ganhar a vida. Era uma vergonha receber dinheiro pelo suor do seu rosto! Mas não ter onde cair morta e ficar um dia para o outro mulher de um herdeiro cobiçado, filho único de um velho podre de rico, ou destes menos felizes que

têm que repartir com os outros a bolada, acabando por lhes sair a sorte grande de um irmão tísico ou tolo, de uma irmã dócil que se entrega pouco a pouco nas mãos de um confessor e acaba mirrada num convento... - isso, na moral da Horta, era extremamente chique!, isso não era uma vergonha!...

(p. 370)

Vitorino Nemésio, "Mau tempo no canal".

---

dos VICIOS E PERDIÇÕES

---

"Cortara-lhe o cabelo como às mulheres más que dormiam com os inimigos no tempo das guerras, toda vestida de preto, Deus do Céu, tinham-lhe matado o seu amor, e agora iam enclausurá-la no Monte Pragã, em Cuba, para onde os Reivas sempre mandaram de castigo a gente do seu sangue." (p. 306)

Alves Redol, "Barranco de Cegos".

- Vocês, as mulheres, só se sentem bem no atoleiro...

Não há uma só que escape... Nem uma!... Todas com tendência para o reles e para a lama. (p. 203)

Alves Redol, "Vindima de sangue".

- Sopeira em que o patrão não se ponha nunca chega a criar amor à casa. (p. 41)

Antônio Lobo Antunes, "Os cus de judas".

E o abade com ares irônicos de pudicícia: - Eu não me correspondo com o Bairro Alto de Lisboa, Excelentíssima Senhora. Com mulheres perdidas só converso no confessionário. (p. 20)

Camilo Castelo Branco, "A corja".

Precisava desfazer-se da Eufêmia. Não lhe convinha no Porto uma companhia de mulher muito conhecida entre as velhas costureiras de vida airada, trescalando fedores de pecado sertanejo, até certo ponto desculpável em abade de aldeia, que seria pior pastor apossando-se das ovelhas sãs em lugar das gafadas. (p. 29)

Idem

Pois vocemessê pensa que as raparigas de agora são como as do nosso tempo?. Diz o Fr. Manuel do Santo Lenho, dos Carmelitas, que já não há vergonha nem temor das penas do Inferno!... E quer que lhe diga, Tia Joaquina? Quanto mais fidalgas, mais desavergonhadas!... Inda ontem a minha Eusébia, que está em casa duma certa fidalga que vocemessê sabe tão bem como eu, me contou que a sua ama estava com um inglês à janela a dar-lhe beijos, e que ele lhe dava beliscões nas pernas. A minha Eusébia deu fê desta pouca-vergonha, sem querer; e a fidalga também viu que a rapariga deu fê; e

disse-lhe depois: "Eusébia, nós cá, as fidalgas, podemos fazer isto que viste; e vós outras plebeias, não, porque não tendes nada senão a vossa honrazinha". (p. 114)

Camilo Castelo Branco, "A filha do arcediago".

O professor de Moral e Civilidade do Liceu chamava a essas, e a outras, mulheres tocadas: Qual dos meus amiguinhos seria capaz de desposar uma rapariga tocada?. (p. 52)

Cristóvão de Aguiar, "Ciclone de Setembro".

- Tu vens das serras... Uma cidade como Paris, Zé Fernandes, precisa ter cortesãs de grande pompa e grande fausto. Ora para montar em Paris, nesta tremenda carestia de Paris, uma *cocotte* com os seus vestidos, os seus diamantes, os seus cavalos, os seus lacaios, os seus camarotes, as suas festas, o seu palacete, a sua publicidade, a sua insolência, é necessário que se agremiem umas poucas de fortunas, se forme um sindicato! Somos uns sete, no Clube. Eu pago um bocado... Mas meramente por Civismo, para dotar a Cidade com uma *cocotte* monumental. De resto não chafurdo. Pobre Diana!... Dos ombros para baixo nem sei se tem a pele cor de neve ou cor de limão.

Arregalei um olho divertido:

- Dos ombros para baixo?... E para cima?
- Oh! para cima tem pô-de-arroz!... (p. 66)

Eça de Queirôs, "A Cidade e as Serras".

Desde criança me apercebi da facilidade com que os lavradores, o patrão de meu pai, por exemplo, faziam das moças pobres mas bonitas suas amantes. (p. 23)

Francisco Miguel, "Uma vida na revolução".

... e mais para trás, muito mais para trás ainda, punha-se a imaginar as vivandeiras que, segundo é voz corrente, acompanhavam noutras eras as grandes marchas dos exércitos e que na realidade se comportavam como soldadesas, amparo da carne e alegria do militar. Nesse tempo antigo, concluía o velho, dava-se tudo aos recrutas: pão, mulheres e poder. (p. 32)

José Cardoso Pires, "O hóspede de job".

---

da APARENCIA

---

Ele tinha cometido a mais grave ofensa que pode ser feita à mulher: tinha sido indiferente para com a sua nudez! (p. 57)

José de Almada Negreiros, "Obras completas nº 2".

A mulher tem sempre a idade que parece ter. (p. 35)

Júlio Dinis, "Uma Família Inglesa".

A bem que se diga que muita vez a festa acabava num mar de cacetadas. Que isto de moças de carnes rijas põem um homem destemperado e puxam à galhardia. (p. 146).

Manuel da Fonseca, "Aldeia Nova".



A poveira, a bem dizer, é um homem. Feia e rude, pernas como trancas. Já se tem atirado para dentro das lanchas, obrigando os homens a arrostar com o temporal. Ou eles, ou elas. (p. 111)

Raul Brandão, "Os pescadores".

Antes de casar a mulher enfeita-se muito. Depois não. - Já enganei quem tinha a enganar... - dizem. Mesmo se continua a enfeitar-se, murmuram dela: - E alvanaira. (p. 199)

Idem

---

da MODA

---

As raparigas, sempre tão recatadas em reuniões ao ar livre, tinham-se esmerado nos vestidos que Paris ditava pelos seus modelos - a liberalidade dos decotes, a riqueza dos tecidos e o espanto das jóias faziam esquecer a pacatez bisonha da cidade do trabalho, como a definiam, por exaltação, todos os oradores que em comícios e solenidades se lhe referiam. Nos primeiros momentos, como sempre, as moças olhavam-se mais do que falavam; riam muitas vezes, mas faziam-no para se observarem melhor ou esconderem algum embaraço. Certos despeitos já corriam os grupos: a Luízinha estava um pavor com aquelas aplicações douradas sobre o veludo azul (e veludo naquele tempo!); a Guimarães, por muito que fizesse, não deixava de ter o mesmo nariz de cavalete que ela queria usar como um anzol - e os que lhe pegavam deixavam-lhe sempre o nariz; a Blê parecia a montra de um joalheiro de mau gosto... E nem mesmo D. Constança escapava às insinuações, mais pelo filho do Azevedo do que por ela, sempre radiosa na sua simplicidade.

Os rapazes, por sua vez, começavam as conversas, ou acabavam-nas, com alusões marotas a certa atriz ladina e miúda, da companhia dos Rosas, que parecia disposta a confortar, nos seus braços roliços, quantos pretendentes endinheirados lhe aparecessem. (p. 13)

Alves Redol, "Vindima de sangue".

Quando aqui chegou a moda de as moças vestirem calças, muito aquele corisco arrematou do púlpito para baixo! (p. 134)

João de Melo, "Gente Feliz com Lágrimas".

- Quer saber como era, no meu tempo de rapariga, um fato de banho para senhoras e meninas? Olhe: touca, um casaco pelos joelhos e de gola afogadinha, calças até aos tornozelos, alpergatas com nastros brancos, a enrolarem-se, cruzados, em volta da perna, sobre a calça. Pois bem, à saída do banho, como o fato, de molhado, podia colar-se a um ou outro lado do corpo, lá ia uma amiga ou uma criada à beira das ondas com um lençol levantado ao alto, como se fosse um biombo, esperar a senhora ou a menina que, ainda com os pés na água, logo se enrolava no lençol. Os homens sempre foram mais desenvoltos, claro. Esses, usavam fatos curtos e de

riscas horizontais. Mas, ainda assim, eram de meia manga e o calção até ao joelho. Outros, traziam chapéus de palha. E entravam e saíam da água sem nenhum resguardo. Eram homens. (p. 169-170)

Manuel da Fonseca, "Crônicas Algarvias".

3º *Policia* - Policias destes reinos! Prezados colegas! Sua Excelência o Intendente-Geral, Dom Diogo Inácio de Pina Manique, concedeu-me a honra de vos falar, hoje, nesta sala e diante deste manequim, sobre a moda das senhoras. E do conhecimento público a captura e expulsão do reino da bailarina Rosa Fiorini, impudica amante do mestre de capela e compositor célebre Marcos Portugal. Este exemplo vem ilustrar mais uma vez a inquebrantável coragem e decisão de Sua Excelência de restaurar e manter a decência e os bons costumes nestes reinos, que a invasão estrangeira do teatro lírico tem tentado corromper e depravar. Para tanto foi publicada uma circular com que Sua Excelência pretende remediar os abusos da moda e vedar, aos olhos ansiosos de visões capitosas, segredos que só devem ser desvendados pelos maridos! Quem diria que, ao inaugurar-se o Real Teatro de São Carlos, estaria ali um terrível alfobre de maus costumes e atentados contra a decência e o pudor das mulheres portuguesas!... Está, portanto, uma cruzada em marcha contra a ratoeira dos vestidos leves. E isto quer dizer que os nossos olhos devem estar mais atentos

na canicula que no Inverno... Todas as modistas foram intimadas a não confeccionarem os trajés femininos com a concisão lacônica que os figurinos indicavam, e que fazia que muitas damas se apresentassem em público quase nuas. Aos domingos, o senhor Intendente certificar-se-á da maneira como se cumprem as suas determinações. Agora muita atenção! Reparai se... o decote descobre os seios a causar calafrios... Se as costas se despem impudicamente... Se as pregas da saia... deixam adivinhar a conjunção voluptuosa de qualquer perna tentadora... Se a fimbria se ergue do solo mais de um ou dois palmos e consente na ostentação acima dos sapatinhos! No entanto, é permitida a exibição do tornozelo com a pele e o osso mal encoberto por uma meia tenuíssima. E tudo, prezados colegas. Receberão em breve novas instruções. (p. 88-90)

Romeu Correia, "Bocage".

---

do INTELECTO

---

E mais fácil achar morangos na Lua do que ideias arejadas num toutiço de mulher. (p. 190)

Altino do Tojal, "Os Putos".

- Devia saber que as mulheres bonitas são sempre estúpidas ou perversas! (p. 205)

Alves Redol, "Vindima de sangue".

A ideia filosófica em uma mulher, começa aos vinte e cinco anos e acaba aos quarenta e cinco. Até aos vinte e cinco, domina a poesia, dos quarenta e cinco para diante se não domina a teologia, há-de forçosamente dominar a toleima, que os vocabulários definem "tolice grande". (p. 95)

Camilo Castelo Branco, "A filha do arcediogo".

---

da PERSONALIDADE

---

- Padre! - tornou a velha com sincera humildade na voz e no gesto -, se o mereci, castigai-me. Deus, que me vê e me ouve, bem sabe que o digo em toda a verdade do meu coração e há-de perdoar-me porque eu sou fraca e sou mulher. (p. 65)

Almeida Garrett, "Viagens na minha terra".

A frágil soberania de mãe nega-se com o desprezo... Vós desprezastes a soberania da vossa... Mas as ordens de um pai são o direito da vontade e o da força... (p. 38-39)

Camilo C. Branco, "O livro negro de Padre Dinis I".

Porque enquanto houver uma mulher constituída física, intelectual e moralmente como a que Jeová, com uma tão grande inspiração de artista, fez da costela de Adão, - haverá sempre ao lado dela, para

uso da sua fraqueza, um altar, uma imagem e um padre. (p. 142)

Eça de Queirós, "A correspondência de Fradique Mendes".

Nos campos a fê não abundava já, como no tempo dos frades. Tudo se ia infeccionando da lepra das cidades, não havendo barbeiro que não lesse os jornais e não pregasse heresias por essas vendas. Jogo, má vontade ao trabalho, além disso. Não compareciam à confissão, não iam à missa... - E fazendo um gesto beato: - Pervertidos - dizia -, pervertidos! Nas mulheres, mesmo assim, não era tanto. O coração da mulher é mais entranhável à religião e à fê. (p. 165)

Fialho de Almeida, "Contos".

Em sua opinião, o mundo menor das mulheres não ia além dos problemas hormonais, das intrigas mesquinhas e das conversas longas a propósito de coisas pouco importantes. (p. 391)

João de Melo, "Gente Feliz com Lágrimas".

Sempre fico espantado diante da liberdade das mulheres. Olhamo-las como a seres subalternos,

divertimo-nos com as suas futilidades, troçamos quando são desatradas, e cada uma delas é capaz de subitamente nos surpreender, pondo diante de nós extensíssimas campinas de liberdade, como se no rebaixo da sua servidão, de uma obediência que a si mesmo parece buscar-se, levantassem as muralhas de uma independência agreste e sem limites. Diante desses muros, nós, que tudo julgávamos saber do ser menor que viemos domesticando ou achamos domesticado, ficamos de braços caídos, inábeis e assustados: o cãozinho de regaço que com tanta boa vontade se rebojava no chão, de costas, mostrando o ventre, põe-se de pé num salto, com os membros trêmulos de ira, e os seus olhos são de repente alheios a nós, e fundos, vagos, ironicamente indiferentes. Quando os poetas românticos diziam (ou dizem ainda) que a mulher é uma esfinge, acertam, abençoados sejam. A mulher é a esfinge que teve de ser porque o homem se arrogou do senhorio da ciência, do tudo saber, do poder tudo. Mas é tanta a fatuidade do homem, que à mulher bastou levantar em silêncio os muros da sua recusa final, para que ele, deitado à sombra, como se deitado estivesse sob uma penumbra de pálpebras obedientes, pudesse dizer convicto: "Não há nada para além desta parede". (p. 90)

José Saramago, "Manual de Pintura e Caligrafia".

Enfim me sentei num dos bancos, e, sem saber como e quando tinha começado, dei por mim que chorava. Se aquilo era chorar. Provavelmente, tem a fisiologia razões que o desgosto ou a comoção desconhecem, e daí que as mulheres possam chorar daquela maneira fluente, contínua, ininterrupta, e por isso angustiadora, enquanto que dos homens se diz que não choram ou que é vergonha chorarem, talvez porque já não fossem antes capazes de chorar e se tivesse entendido dever encontrar uma outra razão quando aquela foi descoberta. É verdade que não tenho sido espectador privilegiado de lágrimas de homem, e o meu erro será julgar os outros por mim, mas realmente não sou capaz de mais que estas duas lágrimas lentamente espremidas do interior ardente dos olhos, tão escassas ou opressivamente concentradas que não rolam, ficam ali entre as pálpebras, queimando-se devagar, tão devagar que de súbito descubro os olhos secos. (p. 127-128)

José Saramago, "Manual de Pintura e Caligrafia".

---

dos GESTOS

---

Uma mulher danada, que fazia arraial de sete quando lhe tocavam. Uma verdadeira cana verde toda cheia de campainhas. (p. 166)

Alves Redol, "Histórias Afluentes".

Uma razão puxa sempre outra, até que todas se destemperam e confundem. Então quando mete voz de mulher pelo meio, é uma mundaneira na praça. Levantaram-se ruídos, discussões e insultos. (p. 171)

João de Melo, "Gente Feliz com Lágrimas".

Compreendo que esse sentimento tem algo de monstruoso: na verdade, se me ponho a pensar, é como se para gestos assim as mulheres devessem só ter nascido, para serem exemplares e descarregarem os homens dos gestos desagradáveis e das tarefas enfadonhas ou pouco limpas, se não porcas. Está

dito que as mulheres devem varrer a casa, assoar as crianças, lavar a roupa e a louça, descascar com um polegar afectuoso a merda que fica descuidada na costura mediana das cuecas do homem. Parece que tem sido mais ou menos assim desde o principio do mundo. Então, vem a ser igualmente justo (ou pelo menos necessário, que é outra forma de justiça) que sejam elas a tomar conta dos termómetros, ou barómetros, ou altímetros que medem as afeições e as paixões, e tendo visto e avaliado façam os seus relatórios sobre o combustível gasto e a energia produzida, para que depois o homem se aproxime a tomar conhecimento e pôr a rubrica de capataz na linha de pontos a isso destinada, porque a ele nada mais se lhe pediria, nem dele mais se espera. É monstruoso, repito, ter sentido gratidão, porque essa gratidão é outra vez alívio, prova dos nove das continuadas atitudes egoístas do homem, da sua intrínseca cobardia, e também daquela desfaçatez que lhe permite gloriar-se, ao menos para si próprio, e a si próprio mentir ao fazê-lo, de que todos os gestos e palavras anteriores haviam sido, de caso pensado, encaminhados para forçar o outro (a mulher) a tomar a decisão final. Assim, o homem pode ficar romanticamente melancólico ou dramaticamente revoltado (consoante a sua pessoal conveniência, e o proveito, também às vezes sentimental mas noutra direcção orientado, que daí pode tirar), declarar-se vítima da incompreensão feminina, ou então, regresso ao ponto, subentender, como quem não domina bem o que diz, que Adelina fez o que eu

esperava que fizesse, porque a isso a teria encaminhado eu, sem se aperceber das portas que lhe abri e fechei, da pressão nas costas, leve e afável pressão, com que a empurrei para o lugar estratégico do rompimento. (p. 189-190)

José Saramago, "Manual de Pintura e Caligrafia".

A vida vem para a rua a cada passo. Gritos de mulheres, descomposturas... E depois de se atirarem os podres à cara umas das outras, acabam por se engalfinhar pelos cabelos, enquanto o rapazio forma roda e as açula. Separam-nas. E desgrenhadas, excitadas, é o momento em que dizem os últimos palavrões... - Saibam todos... - Sejam muito boas testemunhas... - Acodem as do tanque e as da fonte. A vida é ali exposta. Mais gritos. Enrodilham-se atirando os braços ao ar. Ninguém se entende já. Vai haver mortes, com certeza - e cada uma parte para seu lado, com os filhos agarrados às saias. Daí a bocado começam a passar as amigas, para casa duma e doutra, com a caneca de café debaixo do avental...

Outra vez rebuliço - agora é na fonte. Balbúrdia. Algumas são desbocadas, e aquela, no auge da fúria, curva-se e bate palmadas em certo sitio, sobre as saias - quando não faz pior e o mostra... Então o barulho ensurdece. - Bateste no meu filho, grande porca! - Arrolada! - diz a outra.

Arrolada é a pior de todas as injúrias... Dois cântaros partidos nas cabeças. A água inunda-as e refresca-as. E tudo volta ao silêncio. (p. 106-107)

Raul Brandão, "Os pescadores".

---

da DIVERSIDADE

---

- Vamos lá a ver que paga me dás. Se é uma rapariga nova, trata-se por menina. Se mais pequena e descalça, rapariga.

Tossicou. Tosse guinchada.

- Mulher de idade, senhora. E depois vosse-mecê. Se é pessoa de bom trato, com ares... Muda o caso de figura. Cumprimenta-se com a cabeça e trata-se por Dona e Vossa Excelência. Percebeste?.  
(p. 131)

Alves Redol, "Marês".

A mulher do Porto, como ela era há quinze anos, estava por adelgaçar, gozava-se de cores ricas de bom sangue; era redonda e brunida em todas as suas formas; o ofegar do seu peito comprimido pelas barbas do colete era como a oscilação duma cratera que vai romper à superfície; dardejava com os olhos; ria francamente com os lábios inteiros; deixava ver o esmalte dos dentes e o rosado das

gengivas; meneava os braços com toda a punjança dos seus músculos reforçados; pisava com gentil desenvoltura; dizia com toda a lisura as suas primeiras impressões; ria-se com os chistes dos galãs que tinham graça; ouvia sentimentalmente as tristezas dos cêpticos; doidejava nas vertigens da valsa; bebia o seu cálice do Porto; comia com angélico despejo uma dezena de sanduíches; tornava para as danças com redobrado ardor; e, ao repontar da manhã, quando as flores da cabeça lhe caíam murchas e as trancinhas da madeixa se empastavam com o suor na testa, a mulher do Porto era ainda formosa, mais formosa ainda pelo cansaço, a disputar lindeza à aurora, que nascera para lhe disputar a beleza.

E eu, vendo-as pensava nisto e sentia não ter coração para elas!

Ai! dez anos depois, a mulher do Porto já não era assim, não!

Tinha passado por elas o bafo pestilencial do romance. Liam e morriam para a verdade e para a natureza legítima. Invejavam a palidez das pálidas e a espiritualidade das magras. Tal menina houve que bebeu vinagre com pó de telha; e outras, mais suspirosas e avessas ao vinagre, desvelavam as noites emaciando o rosto à claridade doentia da Lua. Algumas tossiam constipadas e queriam da sua tosse catarrosa fingir debilidade do peito, que não pode, com o coração. Muitas, à força de jejuns, desmedravam a olhos vistos e amolagavam as costelas entre as compressas de aço do colete.



Estas não são já as mulheres que eu vi, sadias e frescas, como se saíssem do paraíso terreal, antes que o autor da vida as condenasse às dores e à morte.

Foi o romance que degenerou as raças, porque lá de França todas as heroínas, em 8° e a 200 réis ao franco, vêm definhadas, tísicas, em jejum natural, tresnoitadas, levadas da breca. Nunca se dá que os romancistas, nos digam o que elas comem, quantas horas dormem, quantos cozimentos de quássia tomavam para dessaburrar o estômago, qual género de alimento preferem, que doutrinas de higiene adoptaram, quantos amantes afagam para cicatrizarem os golpes da perfidia com o pêlo do mesmo cão. Mal haja uma literatura que transtorna fundamentalmente a digestão e o sono, estes dois poderosos esteios da saúde, da graça, da formosura e de tudo que é poesia e gozo neste mundo! Se alguma vez o romancista nos dá, no primeiro capítulo, uma menina bem fornida de carnes e rosada e espanejada como as belas dos campos, é contar que, no terceiro capítulo, ali a temos prostrada numa otomana, com olheiras a revelar o cavado do rosto, com a cintura a desarticular-se dos seus engonços, com as mãos translúcidas de magreza, os braços em osso nu e os olhos apagados nas órbitas, orvalhadas de lágrimas.

Pouca gente alcança os limites do desarranjo que estes envenenadores impunes causam nos costumes e na transmissão da espécie.

Estas mulheres desassisadas, que se imolam aos caprichos duma literatura, por não terem coisa

séria em que empreguem a imensa energia do seu espirito, quando tornam a si, e se correm da sua inépcia, tarde vem o arrependimento, que nos melhores anos, deram cabo das melhores forças. Obrigadas a viverem nos limites da razão, casam-se, e curam de construir o edificio desconjuntado da saúde, comendo e bebendo e dormindo regularmente; mas as molas digestivas já têm então perdido as suas forças; os glóbulos cruóticos do sangue não se retingem jamais; as pulsações batem frouxas; o ar filtra ao pulmão por canais obstruídos; e não há contrapor à segunda natureza, formada por molestos artificios, cuidados medicinais, que vinguem a antiga compleição deteriorada. Que frutos quereis que desentranhem estas árvores meladas e desmeduladas? Frutos pecos e outoniços, filhos enervados, e como flores mimosas fenecidas ao ardor do sol, que lhes cai a prumo em plena vida.

Estas meninas de quinze anos, que eu hoje conheço no Porto, são as filhas das robustas donzelas, que me enchiam de satisfação os olhos na minha mocidade. Que degeneração! Vê-las numa sala é ver as virgens lagrimosas e lívidas, que se pintam nas criptas dos mosteiros góticos. Que tristeza de olhar e que dengoso fastio no falar! Quando se reclinam nas almofadas dum sofá parece que desmaiam narcotizadas; quando polcam, e se deixam ir arrebatadas nos braços dos parceiros, afigura-se-me que de sua parte não há mais acção nem movimento que o das asas, do ar que lhe agita a orla do vestido, volátil e vaporoso como éter. Que degeneração!

O mulheres do Porto, ô virgens saudosas da minha mocidade, ô santas da natureza como Deus as fizera, que é feito de vós, que fizeram de vós os romances, e o vinagre, e a Lua, e o pó de telha, e as barbas do colete, e os jejuns, e a ausência completa do boi cozido, que vossas mães antepuseram às mais legítimas e respeitáveis inclinações do coração?! (p. 101-104)

Camilo C. Branco, "Coração, cabeça e estômago".

- Com efeito aqui há falta de Mulher, com M grande. Mas essas senhoras aí das casas dos arredores... Não sei, mas estou pensando que se devem parecer com legumes. Sãs, nutritivas, excelentes para a panela - mas, enfim, legumes. As mulheres que os poetas comparam às Flores são sempre as mulheres das Cortes, das Capitais, às quais, invariavelmente, desde Hesíodo e de Horácio, se rendem os poetas... E evidentemente não há perfume, nem graça, nem elegância, nem requinte, numa cenoura ou numa couve... Não devem ser interessantes as senhoras da minha serra.

- Eu te digo... A tua vizinha mais chegada, a filha do D. Teotônio, com efeito, salvo o respeito que se deve à casa ilustre dos Barbedos, é um mostrengo! A irmã dos Albergarias, da quinta da Loja, também não tentaria nem mesmo o precisado Santo Antão. Sobretudo se se despisse, porque é um

espinafre infernal! Essa realmente é legume, e não dos nutritivos.

- Tu o disseste: espinafre!

- Temos também a D. Beatriz Veloso... Essa é bonita... Mas, menino, que horrivelmente bem falante! Fala como as heroínas do Camilo. Tu nunca leste o Camilo... E depois, um tom de voz que te não sei descrever, o tom com que se fala em D. Maria, em peças de sentimento. Tu também nunca viste o Teatro de D. Maria...

Enfim, um horror! E perguntas pavorosas. "Vossa Excelência, Senhor Doutor, não se delicia com Lamartine?" Já me disse esta, a indecente!

- E tu?

- Eu! Arregalei os olhos... "Oh Lamartine!" Mas coitada, é uma excelente rapariga! Agora, por outro lado, temos as Rojões, as filhas do João Rojão, duas flores, muito frescas, muito alegres, com um cheiro e um brilho a sadio, e muito simples... A tia Vicência morre por elas. Depois há a mulher do doutor Alípio, que é uma beleza. Oh! uma criatura esplêndida! Mas, enfim, é a mulher do doutor Alípio, e tu renunciaste aos deveres da Civilização... Além disso, mulher muito sêria, toda absorvida nos seus dois pequenos que parecem dois anjinhos de Murillo... E quem mais? Já agora, quero completar a lista do pessoal feminino. Temos a Mela Rebelo, de Sandofim, muito engraçada, com cabelo lindo... Borda na perfeição, faz doces como uma freira do antigo Regimen... Havia também uma Júlia Lobo, muito linda mas morreu... Agora não me lembro

de mais. Mas falta a flor da Serra, que é a minha prima Joaninha, da Flor da Malva! Essa é uma perfeição de rapariga.

- E tu, primo Zé, como tens tu resistido?

- Somos como irmãos, criados de pequeninos, mais acostumados e familiares que tu e eu... A familiaridade esbate os sexos. (p. 182-183)

Eça de Queirós, "A Cidade e as Serras".

É a sua noite (quando não tinha cadeira na Opera ou na Comédie) era passada nalgum salão - precisando sempre findar o seu dia entre "o efêmero feminino". (Assim dizia Fradique.)

A influência deste "feminino" foi suprema na sua existência. Fradique amou mulheres; mas fora cossas, e sobre todas as coisas, amava a Mulher.

A sua conduta para com as mulheres era governada conjuntamente por devoções de espiritualista, por curiosidades de crítico, e por exigências de sanguíneo. A maneira dos sentimentais da Restauração, Fradique considerava-as como "organismos" superiores, divinamente complicados, diferentes e mais próprios de adoração do que tudo o que oferece a Natureza: ao mesmo tempo, através desse culto, ia dissecando e estudando esses "organismos divinos", fibra a fibra, sem respeito, por paixão de analista; e frequentemente o crítico e o entusiasta desapareciam para só restar nele um homem amando a

mulher, na simples e boa lei natural, como os faunos amavam as ninfas.

As mulheres, além disso, estavam para ele (pelo menos nas suas teorias de conversação) classificadas em espécies. Havia a "mulher de exterior", flor de luxo e de mundanismo culto: e havia a "mulher de interior", a que guarda o lar, diante da qual, qualquer que fosse o seu brilho, Fradique conversava em tom penetrado de respeito, excluindo toda a investigação experimental. "Estou em presença destas (escreve ele a Madame Jouarre), como em face de uma carta alheia fechada com sinete e lacre". Na presença, porém, daquelas que se "exteriorizam" e vivem todas no ruído e na fantasia, Fradique achava-se tão livre e tão irresponsável como perante um volume impresso. "Folhear o livro (diz ele ainda a Madame de Jouarre), anotá-lo nas margens acetinadas, criticá-lo em voz alta com independência e veia, levá-lo no *coupé* para ler à noite em casa, aconselhá-lo a um amigo, atirá-lo para um canto percorridas as melhores páginas - é bem permitido, creio eu, segundo a Cartilha e o Código." (p. 88-89)

Eça de Queirós, "A correspondência de Fradique Mendes".

---

do TRABALHO E OCUPAÇÕES

---

Pelos olivais ia um burburinho danado, embora já tivesse passado o 29 de Setembro. Até esse dia, a azeitona é de quem a apanha. Só se colhe a azeitona que cai da árvore e damos-lhe o nome de azeitona de carocinho. Vende-se alguma e põe-se a curtir, o que dá bom jeito para conduto das refeições. Depois começam os homens a guardar os olivais e o fruto caído é apanhado a meias, isto durante uma ou duas semanas. Passa logo para o terço e depois ainda para o quarto e até para o quinto. E a gente a moer-se o dia inteiro, e no fim, deixar uma abada, levando pouco mais que um punhado. Só em Novembro é que se faz a apanha por varejo, mas isso é tarefa para mulheres. Elas põem-se em cima das árvores, empunhando uma vara, e vão sacudindo a azeitona para baixo, onde cai em cima dos panais postos à volta das oliveiras. Algum ramo fora de mão é sacudido por um homem que com um varejão faz esse trabalho. Outros patrões querem a azeitona derripada; então, as mulheres sobem para as escadas, das quais agarram os ramos, correndo as

mãos para o fruto cair. No fim é que sacodem com a vara os que não vieram abaixo. (p. 96-97)

Alves Redol, "Fanga".

A azáfama da descarga dos carros, que mulheres conduziam e os criados desocupavam de pipas, entre gritaria e risota, ... (p. 24)

Alves Redol, "Os homens e as sombras".

... sempre era bem melhor que ganhar seis tostãs (às vezes menos) vigiando praga na nossa freguesia, e mesmo assim só quando havia que fazer; bem entendido que era um trabalhinho leve, próprio pra mulheres, mas um home não podia virar a cara ao que quer que fosse; (p. 112)

Cristovão de Aguiar, "Raiz comovida".

... destas criadas como só produz Portugal, bela moça de Trás-os-Montes, que, arrastando os seus chinelos com a indolência grave de uma ninfa latina, varre, esfrega e arruma todo o andar; serve nove almoços, nove jantares e nove chás; escarola as louças; prega esses botões de calças e de ceroulas que os Portugueses estão constantemente a perder! engoma as saias da Madama; reza o terço da

sua aldeia; e tem ainda vagares para amar desesperadamente um barbeiro vizinho, que está decidido a casar com ela quando fôr, empregado na Alfândega. (E tudo isto por três mil réis de soldada). (p. 176)

Eça de Queirós, "A correspondência de Fradique Mendes".

As mulheres, camponesas, mães, filhas e esposas, daqueles operários agrícolas, não frequentavam a praça de jornas nem tinham qualquer comissão de rancho ou de bairro que as unisse e defendesse. Ganhavam muito menos que os homens, mas eles não as defendiam nem procuravam que elas lutassem para ganhar mais. Alguns pensavam até que assim é que estava bem. "Se são mulheres como é que elas querem ganhar mais?". Que as mulheres viessem a ganhar tanto como os homens é que eles, trabalhadores, não poderiam permitir. (p. 44-45)

Francisco Miguel, "Uma vida na revolução".

- A minha mãe está doente - disse, e o seu rosto perdeu, por uns momentos, a expressão aberta.

- O que é que tem a sua mãe?

- A *Mamuschka* já sofre há muitos anos. É diabética e, além disso, tem um coração fraco. Não posso tomar conta dela como seria necessário; tenho

de sair para dar as minhas aulas. O pai fica com ela, mas, já se sabe, os homens não têm a mesma paciência. (p. 73)

Ilse Losa, "Rio sem ponte".

Desde que me conheço, que a minha vida foi sempre a lidar, sempre. Caruncho dos anos!... Por último, já eu tinha netos, até ceifei! (...)

- Ceifar... No meu tempo, cá por estas bandas, era trabalho só para homens. Mas a vida deu uma grande volta... (p. 35)

Manuel da Fonseca, "Seara de Vento".

Perto de Ancora fica a povoação de Gontinhães, de pescadores e de pedreiros (...) são as mulheres que lavram e as vacas que puxam os carros. Os homens foram por esse mundo rachar o lajedo e afeiçoar a pedra. (p. 36)

Raul Brandão, "Os pescadores".

Em volta, areia alagadiça que o pescador de Mira transforma em campos, à força de mexoalho e de sardinha. Todos trazem a sua terra aforada, e nesta época do ano as mulheres vêm da lavoura para casa guiando à vara o barquinho carregado de milho. (p. 82)

Idem

Quando saem do barco e o encalham os pescadores não fazem mais nada - deitam-se na areia. O resto compete à mulher: é ela que lava as redes e o peixe, que o salga e carrega e que faz a lavoura da Barrinha. (...)

São as mulheres também que, depois da sardinha disputada a lanço, a levam à cabeça para a casa da salga, grandes barracões de madeira com manjedouras encostadas às paredes para as bestas e um depósito de sal branco de Aveiro. É ali que o almocreve a salpica de fresco antes de se meter a caminho, ou as mulheres a lavam em água ensossa. (p. 97-98)

Raul Brandão, "Os pescadores".

Do Natal até Maio não há pesca: vão cavar para o Alentejo ou para mais longe, e as mulheres ficam em casa com os filhos. (p. 98)

Idem

A de Mira, feia mas esbelta, tem um ar grave e senhoril quase sempre. Lava as redes, puxa os

cabos, carrega os gigos, cozinha no lar enfumado com dois tijolos no chão, e faz a lavoura - "o prazo". Em resumo, a mulher trabalha mais do que o homem - trabalha o dobro do homem. (p. 108)

Raúl Brandão, "Os pescadores".

Eternas sacrificadas, tiram-no à boca para aparelhar o cesto dos homens: vendem, carregam as redes, lavam-nas, sem um fio enxuto no corpo, metem o ombro aos barcos para os deitar ao mar. Acabada a pesca, todo o trabalho cabe à mulher, que fabrica a graxa, que trata dos filhos, que faz redes, as lava e as conserta, e que vai vender por esses caminhos fora.

E ainda o pior para todas estas mulheres não é serem bestas de carga, dias atrás de dias encharcadas e escorrendo salmoura... A mocidade dura-lhes o que duram as rosas. Quase sempre de uma beleza delicada, a mulher da beira-mar, com excepção da do Algarve, que é "a prenda da casa", logo que casa carrega com todo o peso do lar, cresta-se e envelhece. Acusam-na de imprevidência. Imprevidente é o homem, que gasta na taberna tudo o que ganha. O lavrador é avaro: tira o pão da arca a medo, como quem sabe o que ele lhe custa de esforços persistentes - o pescador, num dia de fartura, enche a casa de pão. E o mar inesgotável não lhe foge... Mas ela não. Ela, remenda, poupa e

vai arrancá-lo à taberna. Conheço-lhes desde pequeno os extremos de dedicação e de força diante da desgraça. Esta pobre mulher - terra virgem de ternura - merecia um lugar à parte na nossa terra, pela sua abnegação, pela sua energia, e até pela distinção de sentimentos (...)

Cabe-lhes sempre o pior quinhão da negra vida. Trabalham o dobro dos homens e vivem mais do que eles, porque sofrem muito mais. (p. 112-114)

Raul Brandão, "Os pescadores".

São elas que alimentam toda esta região de Leiria a Santarém, e que levam ao lavrador, ao paleco, como lhe chamam, e ao jornaleiro enfatiado de pão seco o mantimento, o presigo saboroso. (...) São elas que toda a noite, quando se pesca toda a noite, separam o peixe, o amanham, o secam no tendal e o levam para os armazéns de salga. E pela manhã põem-no a caminho para as Caldas (20 Km) ou para Alcobaça (12 Km) com o peso de duas ou três arrobas à cabeça. Infatigáveis. Em tempos chegavam a ir a Santarém, acompanhando o burro com a carga e trotando ao lado da alimária. Apregoam pelos casais dispersos e deitam a um canto os maiores e mais espertos negociantes desta terra. A noite dormem - se não há peixe na praia. Se há, partem outra vez

com a canastra à cabeça e um pedaço de pão no bolso para o caminho. E o tempo ainda lhes sobra para cuidar dos filhos e para trazer a casa limpa e esteirada. (p. 168-169)

Raul Brandão, "Os pescadores".

---

do ENSINO

---

Li um anúncio, convidando mestra de língua inglesa e francesa para colégio. Confiei bastante em mim, e apresentei-me aos directores. Falei francês, e cuidaram que eu nascera em França; quanto a inglês, deram-me como bastante conhecedora da língua. Pareceu-me que a minha posição melhorava, mas enganei-me. Eu levava comigo o fatal condão de algumas mulheres; dizem que ainda não estou velha nem feia... (p. 117)

Camilo Castelo Branco, "A queda dum anjo".

Pedi ao barão que me desse uma mestra de escrita e de leitura e me mandasse ensinar algumas prendas para me entreter.

Anuiu a tudo, menos ensinar-me a escrever, dizendo que o saber escrever era causa de muitas mulheres se perderem. (p. 83)

Camilo C. Branco, "Coração, cabeça e estômago".

O senhor Botelho gabava-se de apresentar sempre os melhores alunos do círculo, sem uma reprovação em trinta anos de serviço. Ia-se o Codinhas encarregando de o desmentir. Quando lhe perguntaram o feminino de cavaleiro, mastigou, mastigou, e saiu-se com esta resposta:

- Cavalgadura.

Foi um escândalo e uma vergonha para Agarez. O júri ria a bandeiras despregadas, e nós, cá atrás, sabe Deus. (p. 52)

Miguel Torga, "A criação do mundo - I".



---

da POLITICA

---

A politica é só para os homens públicos... Tu sabes bem o que significa mulher pública. Nisso são os homens iguais às mulheres. (p. 32)

Alves Redol, "Barranco de Cegos".

"E como Helena se mostrasse aturdida, sem lhe compreender os propósitos, ele falou dos segredos da política, da estratégia eleitoral, dos votos e de tantas outras coisas que ela não podia entender;" (p. 54)

Alves Redol, "Horizonte Cerrado".

As mulheres da Liga Republicana foram entregar ao senador Sr. Adriano Pimenta um protesto contra a frase pronunciada no Senado acerca das suas pretensões ao voto, na qual as dizia sem carácter. A Liga das Mulheres Portuguesas e das Socialistas também apoiou aqueles protestos. (p. 128)

Alves Redol, "Vindima de sangue".

---

da HISTORIA

---

Porque a Orce, geralmente, só vão desses, há anos foi descoberto, lá perto, em Venta Micena, o europeu mais antigo de que há registo, Um europeu inteiro, perguntou José Anaiço, Só um crânio, mas velho, com idade entre um milhão e trezentos mil e um milhão e quatrocentos mil anos, E há certeza de que se trata de um homem, quis saber, subtilmente, Joaquim Sassa, ao que Maria Dolores respondeu com um sorriso de entendimento, Quando se encontram vestígios humanos antigos, são sempre de homens, o Homem de Cro-Magnon, o Homem de Neanderthal, o Homem de Steinheim, o Homem de Swanscombe, o Homem de Pequim, o Homem de Heidelberg, o Homem de Java, naquele tempo não havia mulheres, a Eva ainda não tinha sido criada, depois criada ficou, Você é irónica, Não, sou antropóloga de formação e feminista por irritação... (p. 77-78)

José Saramago, "A Jangada de Pedra".

... eis os monumentos, com homens quase todos e mulheres poucas... (p. 248)

José Saramago, "Manual de Pintura e Caligrafia".

---

dos USOS E COSTUMES

---

Já ia num mês que o lume não se acendia na lareira, dia e noite, pois o uso assim mandava quando havia morte de mulher em casa de pescador. (p. 71)

Alves Redol, "Olhos de Água".

Durante o período de amamentação (cerca de dois anos), não poderá o Bonanza atrair a Binta para as intimidades do coito. Assim ordenam os preceitos do Alcorão. Terá, se quiser, de arranjar outra para se aconchegar. Ciúme é doença que não pega à mulher indígena. Só os civilizados a contraem. Cada *homem grande* tem manga de mulheres à sua conta. Compra-as a alto preço aos pais, seus donos e senhores. A moeda de troca costuma ser cabeças de gado. Tanto maior e respeitada será a sua grandeza perante a tribo quantas mais mulheres possuir ao seu serviço doméstico.

Com a chegada da tropa ao território, as regras do contrato matrimonial foram ficando com menos rigidez. Nunca o Bonanza poderia tomar-se de amores pela mais linda bajuda da tabanca, tirar-lhe o cabaço, emprenhá-la, se os costumes indígenas, nessa matéria, não tivessem evoluído um pouco. As raparigas como os rapazes principiaram, muito lentamente, a mandar às urtigas as pesadas grilhetas que os atavam. Claro que ainda se faz a circuncisão às bajudas de tenra idade - cortam-lhe o clitoris para que ela não venha a sentir sensações fortes nas relações sexuais. Aos rapazes, chegada a idade da adolescência, cortam-lhe também o prepúcio e mandam-no depois quinze dias para o mato, sozinho. De manhã e à noite, deixam-lhe comida num determinado local, e ele lá que se avenha com o resto. Daí em diante, passa a ter o estatuto de adulto. Mesmo assim, rareiam cada vez mais essas cerimônias rituais. Só os mais religiosos as praticam.

O cipaio Farim tem sete mulheres e espera comprar mais bajudas com cabaço e mama firme. O tempo e o aleitamento acabarão por as tornar flácidas, por vezes descaídas até ao umbigo como dois odres mal cheios. Disse-me um dia o Farim: Sabe, nosso alfero, tenho sete mulher, de todas gosto manga de muito, mas há uma que está aqui (apontava o lugar do coração); o branco pode ser manga de esperto, e é mesmo, nosso alfero, mas há uma coisa em que o preto é mais; desculpe, nosso alfero, eu falar assim, mas nisto de mulher o

branco perde; não sei como pode viver toda a vida  
só com uma, sempre a mesma... (p. 179-180)

Cristóvão de Aguiar, "Ciclone de Setembro".

... Os homens foram todos (mais de trezentos) para  
a longínqua pesca do bacalhau, que dura de Maio até  
Dezembro. Durante essa longa ausência a mulher não  
muda de roupa nem de vestido e nunca mais se deita  
na cama onde dormia com o homem, que lhe leva a  
enxerga para bordo: fica no chão com os filhos  
sobre esteiras. (p. 171)

Raul Brandão, "Os pescadores".

---

das VIRTUDES

---

Num automóvel vão quatro,  
Que se beijam por recreio,  
Seis, oito, além num passeio,  
Tal qual como no teatro.  
Por isso amo e idolatro  
Sempre a mulher portuguesa,  
Que mostra com singeleza,  
As suas naturais cores...  
Como o Abril mostra as flores,  
Como o sol mostra a riqueza.  
(p.106)

Antônio Aleixo, "Este livro que vos deixo...".

A emoção tolhia muitos, embora não  
entendessem as palavras que lhes diziam. Mais  
aguerridas, as mulheres mostravam os filhos  
famintos para que os homens ganhassem coragem.  
(p. 43-44)

Alves Redol, "Os homens e as sombras".

Mas as mulheres percebem os acontecimentos à distância. (p.202)

Alves Redol, "Vindima de sangue".

A malta da vila acrescentara-se ainda à das freguesias da parte norte do concelho; e a multidão adensava-se cada vez mais, comprimida como um corpo único que se deslocasse com dificuldade, e onde as mulheres se destacavam pela decisão. Roucas de gritar, erguiam umas os filhos nos braços, enquanto outras apontavam com os sachos e as foices as bandeiras negras e a tira branca com letras pintadas que a Gracinda e o velho Balsa mantinham sempre firmes, à cabeça do cortejo. (p. 373)

Idem

- Viva o Doiro! - gritaram de um dos lados.

- Morra o Sull! - responderam em uníssono.

Mais aguerridas as mulheres perguntavam:

- Que esperais?!...

A Ti Inácia ergueu mais a baioneta com o melro e rouquejou:

- Vão lá as saias!... (p. 374)

Idem

As mulheres sempre dominaram, suaves nas palavras, incansáveis nos trabalhos, desde o

levantar antes de todos ao deitar no fim de todos, sabendo coisas que ninguém conhecia, prodigiosas na habilidade de manter casa, recompor roupas, apurar cozinhados, os homens eternamente filhos do seu ventre e do seu leite, do seu afago e da sua protecção. (p. 18)

Fernando Dacosta, "O Viúvo".

... as mulheres sabem mais da vida do que os homens, da organização das coisas e dos sentimentos, há-de vir um tempo em que elas tomarão conta dos governos, impedirão as guerras e a violência, os seres tornar-se-ão iguais. (p. 126)

Idem

A experiência diz-me porém que as mulheres são sempre a alma das casas. Iluminam sobretudo as mais pobres, porventura até as mais escuras. (p. 90-91)

João de Melo, "Gente Feliz com Lágrimas".

Que vai ser de nós hoje, só com este dinheiro, e as semanas tão atrasadas, o merceeiro não fia, de cada vez que lá vou, ameaça que nos levanta o crédito, nem um tostão mais, Mulher, vai lá experimentar, isso são palavras da boca para

fora, o homem não tem nenhuma pedra no lugar do coração, Eu sozinha não vou, que já não tenho cara de entrar aquela porta, só se tu fores comigo, Então vamos os dois, mas um homem não é muito para estas coisas, o seu dever é ganhá-lo, fazê-lo render é com a mulher, além de que as mulheres estão habituadas, protestam, juram, regateiam, fazem choradeira, capazes até de se atirarem para o chão, aí um copo de água que a pobrezinha teve um ataque, e um homem vai, mas vai a tremer, porque devia ganhar e não ganha, porque devia governar a família e não governa, Senhor padre Agamedes, como posso eu cumprir o que prometi quando casei, diga-me lá. (p. 82-83)

José Saramago, "Levantado do chão".

Tive sempre a ideia que quem manda em todo o país é a mulher. Na lavoura, às vezes o bruto bate-lhe, mas é ela que o guia e lhe dá os mais atilados conselhos. E é ela em toda a parte que nos salva, parindo filhos sobre filhos para a emigração, para a desgraça e para a dor. Creio que só assim parindo e gemendo, tecendo e lavrando, mas principalmente parindo, é que se equilibra a nossa balança comercial, o que nos tem permitido viver como nação independente. Valem mais que o homem, sacrificam-se mais que o homem - mas aqui o seu trabalho é tão palpável que toda a gente afirma que a mulher da Nazaré é a alma desta terra. Os pesca-

dores obedecem-lhes - a bem ou mal, dizem... Não é, como em toda a parte, insinuando-se, que a fêmea, mais fina que o homem porque cria, o governa nesta terra. Aqui impõe-se, aqui existe a verdadeira e autêntica casa do Varunca - e sólida, apesar de edificada sobre areia... Da praia para cima só elas põem e dispõem. Eles, saindo do barco, metem-se na taberna e bebem. Sóbrios na comida, gastam quase tudo que ganham a beber: a percentagem e a rodada ou o giro. Só entregam em casa intacto o salário. Se as mulheres lhes batem, como corre, na verdade acho bem feito. - Eles merecem-no... (p. 169-170)

Raul Brandão, "Os pescadores".

- E ela quem dirige a casa e quem incute timor ao homem timorato. De noite, quando ele tem medo às bruxas, acompanha-o ao barco. Nas ocasiões graves, se é preciso falar, quem fala é ela. Sozinha põe e dispõe. Quando o homem vai ao médico, precede-o. Ele cala-se, ela explica. - Ele que tem? - Ela responde: - Olhe, queixa-se disto e daquilo... (p. 199)

Idem

---

e de OUTROS AINDA

---

A verdade é fêmea e por isso precisa de retoques. (p. 63)

Alves Redol, "Barranco de Cegos".

Futebol sem *lenha* é jogo de senhoras. Na bola um homem grita, provoca os outros, arranca coisas fundas que fermentam dentro de si, e ninguém o chama à ordem, ninguém lhe diz: tenha cautela com a língua, senão lixa-se. (p. 168)

Alves Redol, "Histórias Afluentes".

Diz A. Karr que Deus fizera a *fêmea* e o homem fizera a *mulher*.

Ora, a mulher não se limitou a fazer do *macho* um *homem*: fez uma brochura dependente do engenho do encadernador. (p. 133)

Camilo C. Branco, "Coração, cabeça e estômago".

Ninguém gosta de ser pouco mais que o trem de cozinha de um homem. Ou o aspirador. Um desses utensílios indispensáveis, mas sem glória. (p.23)

Clara Pinto Correia, "Um esquema".

Por toda a parte onde a terra for pobre e alta, elas aí estão, as cabras - negras, muito femininas nos seus saltos miúdos, de pedra em pedra. Gosto destas desavergonhadas desde pequeno. (p. 15)

Eugénio de Andrade, "Memória Douro Rio".

Karl Berner, depois de ter trabalhado alguns meses como agente de seguros, confessou não ser "talhado" para aquela profissão e trocou-a por uma representação de artigos de perfumaria. Mas depressa se cansou também do "cheiro a fêmeas", como dizia em ar de troça, e fez-se vendedor de jogos infantis, didácticos. (p. 17)

Ilse Losa, "Rio sem ponte".

A *mulher* - Sina de mulher: inspirar outro e ser dele o lucro. (p. 158)

José Almada Negreiros , "Obras completas nº 3".

A mulher é o adorno do guerreiro. (p. 152)

José Cardoso Pires, "O render dos heróis".

II

A MULHER  
NOS PROVERBIOS  
E  
DITADOS POPULARES

---

das MULHERES

---

A açorda faz a mulher gorda.

A adem, a mulher e a cabra é má coisa sendo magra.

A casa é das mulheres e a rua é dos homens.

A fiar e a tecer ganha a mulher de comer.

A frade não faças cama e a tua mulher não faças ama.

A homem calado e a mulher barbada em tua casa não dês pousada.

A homem ocioso e a mulher barbuda de longe os saúda.

A homem ruivo e a mulher barbuda de longe os saúda.

A língua das mulheres é a sua espada.

A moço ataviado - mulher ao lado.

A mula e a mulher com afagos fazem os mandados.



A mula e a mulher com pau se quer.  
A mulher brava corda larga.  
A mulher casada o marido lhe basta.  
A mulher casta Deus lhe basta.  
A mulher e a cachorra, a que mais cala é a melhor.  
A mulher e a cereja para seu mal se enfeita.  
A mulher e a galinha, até casa da vizinha.  
A mulher e a galinha, com o sol recolhida.  
A mulher e a galinha, por andar se perde a asinha.  
A mulher e a galinha, torce-lhe o pescoço para a  
f er boa.  
A mulher e a mula o pau as cura.  
A mulher e a ovelha com sol à cortelha.  
A mulher e a pêga, a que cala é boa.  
A mulher e à pera a que cata é boa.  
A mulher e a sardinha quer-se da pequenina.  
A mulher e a sardinha, nem a maior nem a mais  
pequenina.  
A mulher e a sardinha, quanto maior mais daninha.

A mulher e a seda, de noite, à candeia.  
A mulher e à vinha o homem dá alegria.  
A mulher é loba no escolher.  
A mulher e o melão, o calado é o melhor.  
A mulher e o pedrado quer-se pisado.  
A mulher e o peixe no mar são difíceis de agarrar.  
A mulher e o rapaz são pouco amigos da paz.  
A mulher e o vidro estão sempre em perigo.  
A mulher e o vinho enganam o mais fino.  
A mulher e o vinho fazem errar o caminho.  
A mulher e o vinho tiram o homem do seu juízo.  
A mulher honrada não tem ouvidos.  
A mulher loura mais agrada o pandeiro que a touca.  
A mulher nenhum espelho chamou feia.  
A mulher parida e à teia urdida nunca lhe falta  
guarda.  
A mulher ri quando pode e chora quando quer.  
A mulher roca e ao marido espada.  
A mulher rogada e a olha repousada.

A mulher sara e adocece quando quer.

A mulher só diz duas verdades por dia.

Ao levantar-se: - Tenho tanto que fazer hoje!  
Ao deitar-se: - Passou-se o dia e não fiz nada.

A mulher velha cabeçada nova.

A mulher, ainda que rica seja, se é pedida, mais deseja.

A mulher, sem pôr o pé, faz pegada.

A primeira mulher, escova; a segunda, senhora.

A quem Deus bem quer dá-lhe fortuna, não lhe dá mulher.

A quem tem mulher formosa, castelo na fronteira e vinha na carreira, nunca falta canseira.

A raposa ama enganar, o lobo cordeiros, e a mulher louvores.

A raposa tem sete manhas e a mulher a manha de sete raposas.

Água e mulher só boa se quer.

Ainda que estejas mal com a tua mulher, não é de bom conselho cortar o aparelho.

Amor de mulher e amor de cão nada valem se nada lhe dão.

Amor de mulher e festa de cão só olham para a mão.

Ao diabo e à mulher nunca falta que fazer.

Aos cavalos e às mulheres é guardá-los de alugue-  
res.

Ares que limpam de noite e mulher de outrem - não há que fiar.

Arruido arruido - deu a mulher no marido.

As galinhas põem pelo bico e às mulheres o leite vai-se-lhes pela boca.

As mulheres sempre são melhores para o ano que vem.

As mulheres, onde estão, sobejam e onde não estão faltam.

As promessas cativam as mulheres.

Até aos vinte evita a mulher, depois dos quarenta foge dela.

Bela, boa, rica e casta é mulher de quatro andares.

Bem torneada não há mulher feia.

Benta é a porta por onde for a mulher morta.

Boa mulher nunca está ociosa.

Cartas, mulheres e carradas de pão para onde pendem para aí vão.

Casa varrida e mulher penteada parece bem e não custa nada.

Chapéus de sol, relógios, moinhos de vento, bens de ribeira, terra de ladeira, mulher chocalheira, venha o diabo à escolha e leve as que queira.

Com a mulher e dinheiro, não te burles, companheiro.

Com mulher louca, andem as mãos e cale-se a boca.

Composta, não há mulher feia.

Conselho de mulher vale pouco e quem o toma é louco.

Cresça o ouro bem batido como a mulher com bom marido.

Criança feia, mulher bonita.

Cu de mulher e nariz de cão nunca conheceram Verão.

Da burra que faz *im* e mulher que sabe latim, livra-te tu e a mim.

Da galinha a preta, da pata a parda, da mulher a sarda.

Da laranja e da mulher o que ela der.

Da má mulher te guarda e da boa não te fies nada.

Da mulher e da pescada, a mais alentada.

Da sardinha e da mulher, da maior que houver.

Dá-me pega sem manha, dar-te-ei mulher sem tacha.

Das mulheres a rainha, das maçãs a chainha.

De nenhuma mulher há que fiar e de todo o homem há muito que temer.

De onde és, homem? De onde é a minha mulher.

De tua mulher e do amigo esperto não creias senão o que souberes ao certo.

De Vieira - nem mulher, nem vinho, nem Madeira.

Desejo de doente, visita de barbeiro, serviço de mulher.

Deus nos livre de moça adivinha, mulher latina, de hora minguada e de gente que não tem nada.

Digna de nome e fama é a mulher que não tem fama.

Dinheiro e mulher mostrado está em véspera de ser roubado.

Dito de criança e repente de mulher aproveite-o quem quiser.

Dizem em Roma que a mulher fie e coma.

Do homem a praça, da mulher a casa.

Do mar se tira o sal e da mulher muito mal.

Do vinho e da mulher livre-se o homem, se puder.

Dor de mulher morta dura até à porta.

E mais difícil guardar uma mulher que um saco de pulgas.

Em casa do mesquinho mais pode a mulher que o marido.

Em casa do teu inimigo a mulher tem por amigo.

Em comprar cavalo e escolher mulher, fecha os olhos e encomenda-te a Deus.

Em manqueira de cão e lágrimas de mulher não há que crer.

Em mulher da Alfama, homem do mar e relógio das Chagas pouco há que fiar.

Entre dez homens nove são mulheres.

Entre marido e mulher nunca metas a colher.

Faça-as quem as fizer, quem as paga é minha mulher.

Fê de mulher é pena sobre água.

Fica melhor a mulher no seu lar ouvindo o grilo cantar.

Formosura de mulher não enriquece o homem.

Frade e mulher - duas garras do diabo.

Frade, freira e mulher rezadeira - três pessoas distintas e nenhuma verdadeira.

Fumo, a mulher tarameleira e a goteira põem os homens fora de sua casa.

Fumo, goteira e mulher faladora põem os homens pela porta fora.

Galinha e a mulher não se deixam passear.

Grande bem me quer a minha mulher se da banda do punhal há dinheiro que lhe dar.

Guarda-te do boi pela frente, do burro por detrás e da mulher por todos os lados.

Há duas coisas que não têm resposta: ide-vos de minha casa e que quereis de minha mulher.

Hábito de frade e saia de mulher chega onde quer.

Homem com fala de mulher nem diabo o quer.

Homem de palha vale mais que mulher de ouro.

Homem do mar mija na cama e diz à mulher que está a suar.

Homem tendo mulher feia tem a fama segura.

Homem velho e mulher nova, ou corno ou cova.

Horta e torto, moço e potro e mulher que mira mal querem-se saber tratar.

Horta sem água, casa sem telhado, mulher sem amor e marido descuidado de graça é caro.

Jamais serão bons a couve requentada e a mulher a casa tornada.

Juramento de quem ama mulher não é para crer.

Lágrimas de mulher, têmpera de malícia.

Lágrimas de mulher, valem muito e custam-lhe pouco.

Lume faz cozinha e não mulher fraldida.

Mais bota para fora de casa a mulher com uma agulha do que o homem para dentro com um gancho.

Mais há na mulher boa que ser casta.

Mais vale homem de palha que mulher de ouro.

Mais vale ser mulher de ninguém que amante de alguém.

Mal casada é a mulher que não pare.

Marido ataviado, mulher ao lado.

Marido, não vejas; mulher, cega não sejas.

Mostra-me a tua mulher e eu te direi que marido tem.

Mulher à vela, marido ao leme.

Mulher - quanto mais olha a cara, tanto mais destrói a casa.

Mulher arrenegada é pior que víbora assanhada.

Mulher barbuda de longe a saúda.

Mulher barbuda uma faz outra cuida.

Mulher barbuda, navalha na mão.

Mulher beata, homem santarrão e criado cortês, olhá-los pelo través.

Mulher beata, mulher velhaca.

Mulher beata, pobre que muito reza e homem muito cortês, é fugir de todos três.

Mulher boa, ave rara.

Mulher boa, prata é que muito soa.

Mulher bonita nunca é pobre.

Mulher casada deita-se singela e acorda dobrada.

Mulher casada não desbarba.

Mulher casada no monte é alojada.

Mulher ciosa tende a ociosa.

Mulher como a franga que caiba na manga.

Mulher composta seu marido tira de outra porta.

Mulher de alfeloeiro, quando não vende, come.

Mulher de Avanca, porca de Murtosa e vaca de Veiros nunca saem boas.

Mulher de bigode pode mais que o homem.

Mulher de bom recado enche a casa até ao telhado.

Mulher de bondade, outrem fale e ela cale.

Mulher de buço - nem qualquer lhe apalpa o pulso.

Mulher de dois, mulher de cem.

Mulher de escudeiro, grande bolsa e pouco dinheiro.

Mulher de fidalgo, pouco dinheiro e grande trançado.

Mulher de janela diz de todos e todos dela.

Mulher de janela, amora de estrada.

Mulher de mais má pinta é a que mais a cara pinta.

Mulher de mercador que fia, escrivão que pergunta pelo dia, oficial que vai à caça - não há mercê que Deus lhe faça.

Mulher de nariz arrebitado é levada do diabo.

Mulher de outro marido e burra com burrinho nunca se mete a caminho.

Mulher de vinte, amigo de trinta - e deitarás boa conta.

Mulher do velho reluz como espelho.

Mulher doente - mulher para sempre.

Mulher e cão de caça procurai-os pela raça.

Mulher e hora não querem mais de um dono.

Mulher e lima, a mais lisa.

Mulher feia quer-se sem candeia.

Mulher formosa, doida ou presunçosa.

Mulher honrada deve ser calada.

Mulher honrada é a menos falada.

Mulher honrada não tem espada e se a tem não mata.

Mulher honrada não tem ouvidos nem olhos.

Mulher honrada, em casa, de perna quebrada.

Mulher inteira cose ao sábado e lava à segunda-feira.

Mulher janeleira raras vezes encarreira.

Mulher janeleira, namorada ou rameira.

Mulher louçã dar-se quer à vida vã.

Mulher louca, antes rabeca que roca.  
Mulher louca pela vista compra a touca.  
Mulher magra sem ser de fome, foge dela que te come.  
Mulher mal tomada, ou formosa ou mal casada.  
Mulher mesquinha detrás do lar acha a espinha.  
Mulher mundana, por diante te lambe, por trás te arranha.  
Mulher não se enceleira: ou se casa ou vai ser freira.  
Mulher palradeira nunca é grande tecedeira.  
Mulher palradeira, fraca fiandeira.  
Mulher panosa - criança formosa.  
Mulher parida, nem farta nem limpa.  
Mulher polida - casa suja, porta varrida.  
Mulher que a dois ama ambos engana.  
Mulher que ao levantar diz "ah" e ao levantar diz "upa", guarde-a Deus da minha roupa.  
Mulher que bem se arreia nunca é feia.  
Mulher que cose à segunda-feira e lava ao sábado, para porca falta-lhe o rabo.

Mulher que cria nem é farta nem limpa.  
Mulher que dá no homem na terra do demo morre.  
Mulher que do homem se fia no jurar o que ganha é ter de chorar.  
Mulher que foi e cavalo que há-de ser não me venham ver.  
Mulher que mete a mão na consciência não fala mal da vizinha.  
Mulher que muito bebe tarde paga o que deve.  
Mulher que muito se mira pouco fia.  
Mulher que não perde festa pouco presta.  
Mulher que não vela não faz grande teia.  
Mulher que perde a vergonha nunca a cobra.  
Mulher que pouco fia sempre faz ruim camisa.  
Mulher que sabe latim e burra que faz "him" raras vezes têm fim.  
Mulher que sabe obedecer em casa reina a valer.  
Mulher que sempre ri, homem que sempre chora e mancebo cortês - merda para todos três.  
Mulher que te quiser não dirá o que em ti houver.

Mulher rogada e casta raro se acha.

Mulher sabida é mulher perdida.

Mulher sarda, ou puta ou ladra.

Mulher sardenta, mulher rabugenta.

Mulher se queixa, mulher se dôi, enferma a mulher quando ela quer.

Mulher sem cabelo e panela sem asa, com ela fora de casa.

Mulher sem marido, barco sem leme.

Mulher sem vergonha, pior que peçonha.

Mulher só, faz tudo, duas fazem pouco, e três, nada.

Mulher, cavalo e cão não se emprestam nem se dão.

Mulher, vento e ventura asinha se muda.

Mulheres, mulas e muletas todos se escrevem com as primeiras três letras.

Nada escapa aos homens senão o vinho que as mulheres bebem.

Não cavalgues em potro nem gaves tua mulher a outro.

Não compres mula manca cuidando que há-de sarar, nem cases com mulher má cuidando que se há-de emendar.

Não cries galinha onde a raposa mora, nem creias em mulher que chora.

Não desesperes do adjutório divino nem da mulher do teu vizinho.

Não digas mal da mulher por ser brava.

Não é brava a mulher que cabe em casa.

Não é má a mulher que faz o que deve.

Não há como uma mulher para fazer do homem quanto quer.

Não há mulher formosa, no dia da boda, senão a noiva.

Não queiras potro nem mulher de outro.

Não se deve bater na mulher nem com uma flor.

Não te fies em mulher que não fala e cão que não ladra.

Nariz de cão, joelho de homem e cu de mulher nunca estão quentes.

Nas mulheres acaba a amizade onde começa a rivalidade.



Nem a homem calado nem a mulher barbada dê  
pousada.

Nem bois de cornos grandes, nem Antônio Fernandes,  
nem burro que faz *im*, nem mulher que leia latim, e  
das que mijam em pé tire-nos Deus e Domine.

Nem casa em ladeira nem mulher bailadeira.

Nem estopa com tições nem mulher com varões.

Nem mula manca há-de sarar nem mulher má se há-de  
emendar.

Nem o rouxinol de cantar nem a mulher de falar.

Nem por casa nem por vinha cases com mulher  
mesquinha.

No andar e no beber conhecerás a mulher.

No dia de Santo André quem não tem porco mata a  
mulher.

O amor das mulheres e a rosa passam com o bom  
tempo.

O cão é meu amigo, meu inimigo a mulher e o filho  
meu senhor.

O charuto e a mulher estão no acertar e no es-  
colher.

O dano da mulher entra-lhe pelo ouvido.

O homem deve cheirar a pólvora e a mulher a  
incenso.

O homem é fogo, a mulher estopa, vem o diabo e  
sopra.

O melão e a mulher pelo rabo se hão-de conhecer.

O muito fiar dos homens e o pouco fiar das mulheres  
deitam a casa a perder.

O que a mulher quer Deus o quer.

O que não tem mulher cada dia a mata, mas quem a  
tem bem a guarda.

O que o diabo não pode consegue-o a mulher.

O que o marido proíbe a mulher o quer.

Onde há cães há pulgas, onde há pães há ratos, onde  
há mulheres há diabos.

Ovo de uma hora, pão de um dia, vinhos de um ano,  
mulher de vinte, amigo de trinta e deitarás boa  
conta.

Para festas e feiras não há mulheres com manquei-  
ras.

Para quem perde a mulher e um tostão, a maior perda  
é a do dinheiro.

Para um cão uma pedra, para uma pedra um ferro,  
para um homem uma mulher.

Pedros, burros velhos, terras por cima dos regos,  
burra que faz *im* e mulher que sabe latim - nem com-  
prá-los nem vendê-los, mas sempre é bom em casa  
havê-los.

Perdido é o gado onde não há cão que ladre; e é mal  
casada a mulher que não pare.

Pesca, mulheres e bolas querem horas.

Por casa nem vinha não cases com mulher parida.

Por peça de florim não te cases com mulher ruim.

Porco de um ano, cabrito de um mês e mulher dos  
dezoito aos vinte e três.

Quando a bolsa está magra aceitam-se as mulheres  
gordas.

Quando há homens não se confessam mulheres.

Quando muito arde o sol - nem mulher, nem carnes,  
nem caracol.

Quando o carpinteiro tem madeira para lavrar e a  
mulher pão para amassar, não lhes falta pão que  
comer e lenha para queimar.

Quando vires uma mulher fala mas não escutes.

Quanto mais a mulher olha a cara pior vai a casa.

Quem a sua mulher ensina a ler ou é cornudo ou está  
para o ser.

Quem ama a mulher casada traz a vida emprestada.

Quem casa em Portel tem burra e mulher.

Quem em tudo sua mulher contenta cornudo depressa  
se apresenta.

Quem faz a vontade a sua mulher tome o que vier.

Quem faz filhos em mulher alheia perde-lhe o tempo  
e o feitio.

Quem mais não pode com sua mulher dorme.

Quem não tem mulher de muitos olhos há mister.

Quem não tem que fazer arme navio e tome mulher.

Quem quiser mulher formosa ao sábado a escolha, que  
não domingo à boda.

Quem se presa de boa mulher tudo há-de olhar.

Quem segura a enguia pelo rabo e a mulher pela  
palavra pode dizer que nada segura.

Quem serve a moço, à mulher e ao comum não serve a  
nenhum.

Quem sua mulher gaba de bela vive dela.

Quem tem mulher bonita, castelo na fronteira e  
videiras na estrada nunca verá o fim da guerra.

Quem tem mulher má está na vizinhança do purgatô-  
rio.

Quem tem mulher tem amo.

Quem tem mulher tem o que há mister.

Quem toma o alguidar pelo fundo e a mulher pela palavra pode dizer que não tem nada.

Quinze dias na cama e quinze no lar - depois, mulher, vai trabalhar.

Rodilha suja sempre limpa, água suja sempre lava, mulher asseada sempre limpa.

Sara a mulher e adocece quando quer.

Sardinha na chama e mulher na cama.

Se a mulher soubesse as virtudes da arruda, buscá-la-ia de noite à lua.

Se tens siso casa com mulher de juízo.

Toma casa com lar e mulher que saiba fiar.

Traga-o o marido e guarde-o a mulher.

Três coisas enganam os homens: as mulheres, os copos pequenos e a chuva miúda.

Três coisas mudam o homem: a mulher, o estudo e o vinho.

Vacas em Maio e mulheres em dia de boda - venha o diabo e escolha.

Venha o diabo de onde vier, venha a Viana e escolha mulher.

Vinho, mulheres e tabaco põem o homem fraco.

---

das MENINAS, DONZELAS E RAPARIGAS

---

Menina e vinha, peral e faval, maus são de guardar.

Olho de menina - olho de diabinho.

A donzela e o açor, com as espaldas ao sol.

Ao alcaide e à donzela ninguém diga "se eu quisera".

Donzela honesta ter que fazer é a sua festa.

O ouro, a donzela e a teia, à candeia.

Para a donzela honesta o trabalhar é festa.

Bolos e abraços de raparigas não se podem desperdiçar.

Dos quinze para os dezasseis, raparigas, vós bem, sabeis.

Não te fies em cantigas nem fales de raparigas.

Rapaz da aldeia casado com rapariga da vila, ao fim de seis meses está parida.

---

das MOÇAS

---

A barba cã se entrega a moça louçã.

A boa moça e à má põe-lhe almofada.

A moça a aprazer e a velha a beber gastam o seu haver.

A moça a quem bem sabe o pão perdido é o alho que lhe dão.

A moça como é criada, a estopa como éafiada.

A moça e o menino no Verão hão frio.

A moça em se enfeitar e a velha em beber gastam todo o seu haver.

A moça que seja boa e a moço que tenha officio não podes dar-lhes melhor beneficio.

A moça virtuosa Deus a esposa.

Bem haja o pão que presta e a moça que o come.

Figo verdel e moça de hotel, apalpando-se, amadurecem.

Mais puxa moça que corda.

Moça com velho casada como velha se trata.

Moça de meijão não dorme sono nem serão.

Moça em cabelo não a louves, companheiro.

Moça formosa, lençóis de veludo.

Moça garrida, ou bem ganhada ou bem perdida.

Moça louçã, cabeça vã.

Moça má torna a ama brava.

Mora no telhado não anda a bom recado.

Moça que entristece de amor adocece.

Moças, quem vos deu tão ruins dentes? Agua fria e castanhas quentes.

Não concorda com o velho a moça.

Não me contenta nada moça com leite e borracha com água.

Não se caça a boa moça na praça.

Nem boa moça na praça, nem homem rico por caça.

Nem sábado sem sol nem moça sem amor.

No comer e no falar é a moça igual.

Oliveira de balseira, terra de ladeira, moça de  
estalajadeira não pode ser boa antes que queira.

Pão mole e uvas as moças põe mudas e às velhas tira  
as rugas.

Pior é a moça de casar que de criar.

Por jeito se quer a moça, que não por força.

Quando em casa engorda a moça, ao corpo o baço e ao  
rei a bolsa - mal vai a coisa.

Quem quer a moça anda do pé e puxa da bolsa.

Se a moça for louca andem as mãos e cale a boca.

Três coisas matam o homem: moças, dados e cominos  
de odre.

Velho casado com moça de poucos anos, corno temos.

---

das NOIVAS E ESPOSAS

---

Deitem o noivo no poço se com a noiva não brincar.

Muitos concertadores desconcertam a noiva.

Olhar para a noiva não mata a sede.

Quem gaba a noiva? E o pai, que a quer casar.

Quem há-de gabar o noivo senão a noiva?

A esposa arca, ao marido barca.

A melhor esposa é aquela de quem ninguém diz mal  
nem bem.

---

das DAMAS, DONAS E SENHORAS

---

A dama do monte, cavaleiro da corte.

As damas ao desdém parecem bem.

Março queima a dama no paço.

Não é dama quem não ama.

Quem com damas anda, chora e não canta.

Donas em sobrado, rãs em charco, agulhas em saco,  
podem estar sem deitar a cabeça de fora.

Judeu, dona e homem de coroa jamais perdoa.

Nem dona sem escudeiro nem fogo sem trasfogueiro.

O pé e a virgindade da dona põem-se de parte com  
mil cuidados.

Tal é a casa de dona sem escudeiro como fogo sem  
trasfogueiro.

Arrengo de senhoras que são daqui o tomam e dali o  
deixam.

Junho, Julho e Agosto - senhora, não sou vossa.

Não provam bem as senhoras que se metem a doutoras.

Pelo marido, vassoura - pelo marido senhora.

Quem senhora é em casa é pela vida chamada.

Amor e senhoria não suportam companhia.

Dom de Espanha, Excelência de França, Senhoria de  
Portugal não valem meio real.

Nada vale senhoria sem companheiro ou amigo.

Senhoria de Itália, dom de Espanha - não valem uma  
castanha.

---

das VELHAS E VIUVAS

---

A necessidade mete a velha a caminho.

A velha e a cortiça curadas se querem.

Antes velha com dinheiro que moça com cabelo.

Caldo, porque não cozeste? Velha, porque não mexeste?

Castigo de velha nunca fez moça.

De bago em bago enche a velha o saco.

De noite, à candeia, a velha parece donzela.

Em Abril dá a velha a filha por pão a quem lha pedir.

Em Abril queima a velha o carro e o carril; e uma camba que deixou em Maio a queimar.

Em Abril vai a velha onde tem de ir e vem dormir ao seu covil.

Engou a velha os bredos, souberam-lhe bem, lambe-lhe os dedos.

Morto por morto, antes a velha que o porco.

Muito pode a velha para sua casa.

Para o S. João guarda a velha o melhor tição.

Patos para a Beira - velhas à fogueira; patos para o mar - velhas a assoalhar.

Por novas não penareis; far-se-ão velhas, sabê-las-eis.

Porque vai a velha à casa da moeda? Porque se lhe pega.

Pouco a pouco fia a velha o copo.

Quando a velha tem dinheiro não tem carne o carniceiro.

Quem come nêspas, bebe cerveja, espargos chupa e velhas beija, nem come, nem bebe, nem chupa, nem beija.

Reprender velha e espulgar cão duas tolices são.

Tal grado haja quem a velha arregaça.

Velha experimentada por água vai arregaçada.

Velha gaiteira não falta a uma feira.

Vermelho ao lar - velhas a assoalhar.



A mula boa, como a viúva, deve ser gorda e ligeira.

Choro de viúva é água de chuva.

De amarais, viúvas com corais e viagens a pé,  
libera nos, Domine.

E boa e honrada a viúva sepultada.

Em viúva de parentes busca que merendes.

Filho de viúva - mal criado ou mal acostumado.

Nem de menino te ajudes nem cases com viúvas.

O figo para ser bom deve ter pescoço de enforcado,  
roupa de pobre e olho de viúva.

Quem se fia em viúva rica solteiro fica.

---

das MAES E FILHAS

---

A mais certa alcoviteira que filhos tem é a sua  
própria mãe.

Antes a criança chore que a mãe suspire.

Azáfama, padeiras, que minha mãe quer um pão.

Bem se pode criar sem ser mãe.

Boa vida pai e mãe olvida.

Bom é ter mãe, ainda que seja uma silva.

Erros de filhos, culpas de mães.

Fevereiro afoga a mãe no ribeiro.

Fevereiro enganou a mãe ao soalheiro.

Filho sem dor - mãe sem amor.

Mãe e filhos por dar e tomar são amigos.

Mãe velha e camisa rota não desonram.

Mais quer o menino à mãe que o amima do que ao pai que o doutrina.

Muito filho - mãe gulosa.

Não há madre como a que pare.

Não há onde o filho fique bem como no colo da mãe.

Nenhum filho é inocente quando sua mãe o crê culpado.

O menino e o escaravelho a sua mãe parecem de oiro.

Pai e mãe são bons mas Deus é melhor.

Pai não tiveste, mãe não temeste, diabo te fizeste.

Quem mãe tem na vila sete vezes se amortece ao dia.

Quem tiver muitos filhos e pouco pão, tome-os da mãe e diga-lhes uma canção.

Se a mãe soubesse quando o filho endentece não havia nada que não lhe fizesse.

Se o menino chorar, cale-o a mãe; e se o não quiser calar, deixe-o chorar.

Tal é o demo como sua mãe.

Uma mãe respeito eu. Uma irmã guarde-se ela. Uma prima vamos a ela.

A boa filha duas vezes vem para casa.

A filha casada saem-lhe genros.

A homem aventureiro a filha lhe nasce primeiro.

A peixe fresco gasta-o cedo e, tendo tua filha crescida, dá-lhe marido.

A quarta-feira não cases a filha, nem urdas a teia, nem partas em navio para a terra alheia.

A terça-feira nem cases a filha nem urdas a teia.

Antes barba branca para tua filha que moço de barba partida.

Casa teu filho quando quiseres e a tua filha quando puderes.

Casa-me com a filha do rei, que as pazes eu as farei.

Com verdade e com mentira casou o vilão sua filha.

De boa filha, boa fiandeira.

De bons e de melhores à minha filha venham.

De filhas a casar e filhos a estudar é livrar.

Entre o prometer e o dar tua filha há-de casar.

Filha casada, filha apartada.

Filha casada, não faltam casões.

Filha crescida, dá-lhe marido; aos vinte, criada,  
logo casada.

Filha má, dota-a e casa-a.

Filha, farta e despida - filho, faminto e vestido.

Filha, faz por ser boa, que a tua fama longe toa.

Herdade por herdade, uma filha na velha idade.

Mais vale filha mal casada que bem amancebada.

Mau parto - filha ao cabo.

Melhor parece filha mal casada do que amancebada.

Minha filha Teresa quanto vê quanto deseja.

Minha filha Teresa um diabo a toma outro a deixa.

Morta minha filha, morto meu genro.

Muitas filhas em casa, tudo se abrasa.

Não compres burro de recoveiro nem cases com filha  
de estalajadeiro.

Não dês tua filha a quem vai à casca sem basto ou  
espadilha.

No rosto de minha filha vejo quando o demo toma a  
meu genro.

O filho da tua vizinha, tira-lhe o ranho e casa-o  
com a tua filha.

Os filhos de minha filha meus netos são; os do meu  
filho sê-lo-ão ou não.

Pela casa da minha filha já sei o genro que hei-de  
ter.

Quantas vezes te ardeu a casa? Quantas casei filha.

Quem casa filha depenado fica.

Quem não quer casar não enxovalha a filha de  
ninguém.

Quem tem filha não tem amiga.

Se muito as pintas e regalos dás das boas filhas  
farás más.

Se não chover entre Maio e Abril, dará el-rei o  
carro e o carril por uma fogaça e a filha a quem a  
pedir.

Bela mãe e bela filha, disputas na família.

Da má mãe nascem más filhas.

Dai-me mãe acautelada, dar-vos-ei filha guardada.

De boa cepa a vinha e de boa mãe a filha.

Dizem que três mães boas dão à luz três filhas más:  
da verdade, o ódio; da muita conversação o des-  
prezo; da paz a ociosidade.

Mãe aguçosa, filha preguiçosa.

Mãe e filha vestem uma camisa.

Mãe que é casar? Filha, é fiar, parir e chorar.

Quando entrares na vila pergunta primeiro pela mãe  
que pela filha.

Se queres casar na vila pergunta pela mãe e não  
pela filha.

---

das MADRASTAS E ENTEADAS

---

Madrasta e enteada sempre andam em batalha.

Madrasta, o nome lhe basta.

Quem crê boa mãe crê boa madrasta.

Quem em casa da mãe não atura na da madrasta não  
espere ventura.

---

das SOGRAS, NORAS E CUNHADAS

---

A cabeça de vesugo come-a o sisudo; e a da boga dá-a à tua sogra.

Come a cabeça do bodião e a da tua boga dá-a a tua sogra.

Quem na casa da mãe não atura na da sogra não espere ventura.

Se minha sogra morre buscarei quem ma esfole.

Digo-te, filha, entende-me, nora.

Filho de minha filha, toma pão e senta aqui; filho de minha nora, toma pão e vai-te embora.

Nora rogada, olha repousada.

Venha minha nora, mas venha cada dia e não cada hora.

Enquanto fui nora nunca tive boa sogra.

Lembra-te, sogra, que foste nora.

Não se lembra a sogra que já foi nora.

Cunhadas são unhas.

Aquela é bem casada que não tem sogra nem cunhada.

Farinha apurada não ta veja sogra nem cunhada.

---

das COMADRES

---

Comadre andadora, tirante a sua em todas as casas mora.

Comadre andeja, não vou a parte onde a não veja.

Comadres e vizinhas a reveses são fatinhas.

Mal me querem as comadres porque lhes digo as verdades.

Minha comadre tem officio de rã: bebe e palra.

Ralham as comadres - descubrem-se as verdades.

---

das VIZINHAS

---

A cabra da minha vizinha dá mais leite que a minha.

A chave na cinta faz a mim boa e à minha vizinha.

A mã vizinha dá agulha sem linha.

Cerra a tua porta e farás tua vizinha boa.

Com o que come minha vizinha não aproveita tripa minha.

Desonrou-me minha vizinha uma vez e eu desonrei-me três.

Diga minha vizinha e tenha meu saco farinha.

Fui a casa da minha vizinha, envergonhei-me; vim para a minha e governei-me.

Mais quero pedir à peneira um pão apertado que a minha vizinha um emprestado.

Melhor é a galinha da minha vizinha que a minha.

Não há rainha sem sua vizinha.

Quem presume na cozinha não vai à rua com a vizinha.

Quem quiser mal à vizinha dê-lhe em Maio uma sardinha e em Agosto a vindima.

Vinha entre vinhas, casa entre vizinhas.

---

das MARIAS

---

Ao sábado à noite, Maria, dá cá a roca.

Bem prega Maria em casa vazia.

Dá Deus na eira e tolhe-o Maria na maseira.

Março liga a noite com o dia, o Manuel com a Maria, o pão com o mato e a erva com o sargaço.

Maria casada, hajam as outras mã fada,

Maria de bons pés, foi muito correndo.

Maria que em casa fica, se não come, deponica,

Maria, antes com um olho só que com um filho.

Maria, faz por ser boa que a tua fama longe toa.

Moça é Maria quando se tosquia.

Não há sábado sem sol, nem velha sem dor, nem Maria sem amor.

Pois que Maria bailou, tome o que ganhou.

Qual é Maria tal filha cria.

Seja Maria bem casada e outra haja má fada.

Bem canta Marta depois de farta.

Morra Marta - morra farta.

Se bem canta Marta depois de farta, melhor se lambe o gato depois de farto.

---

das RAMEIRAS

---

Amor de rameira e convite de estalajadeira sempre custam dinheiro.

Amor de rameira, caricias de cão, amizade de frade e convite de estalajadeiro hão-de custar dinheiro.

Amor de rameira, vinho de frasco - pela manhã bom, à noite gasto.

Contra rameira e bretão não basta a razão.

Não há geração sem rameira ou ladrão.

Nem de estopa boa camisa nem de rameira boa amiga.

Quando a rameira fia, o ladrão reza e o escrivão pergunta quantos são do mês, mal vai a todos três.

A puta não putes e a ladrão não furtas.

Chuva de Verão e lágrimas de puta quando caem ao chão ficam logo enxutas.

Filho de puta tira o pai da culpa.



Guarde-te Deus do diabo, de olho de puta e volta de dado.

Ladrão só, puta só.

Mais vale puta na cama que na fama.

Não há puta sem alcoviteira.

Nem de malva bom vincelho, nem de esterco bom odor, nem de moço bom conselho, nem de puta bom amor.

Pragas de marujo e lágrimas de puta vão ao céu enxutas.

Quem de puta faz cabedal vai acabar na cadeia ou no hospital.

Sol de Inverno, chuva de Verão, amor de puta e favrinhas doces do meu capitão a mim não me enganarão.

Quem tem rocim e barregã tem má noite e pior manhã.

Tempos virão em que hão-de dar pão as terras vãs e governarão as filhas das barregãs.

---

das OCUPAÇÕES

---

A melhor cozinheira é a azeiteira.

Quem faz a cozinheira ligeira é a fogueira.

Uma boa fogueira faz uma boa cozinheira.

A boa fiandeira de S. Bartolomeu toma a vela e a mais boa da Madalena.

A fiandeira laboriosa nunca faltou pano para camisas.

Ao bebedor não falta vinho, nem à fiandeira linho.

Fiandeira preguiçosa ao domingo é aguçosa.

Nunca à fiandeira cuidadosa faltou camisa.

Não sejas forneira se tens cabeça de manteiga.

No Inverno, forneira - no Verão, taberneira.

Amores de freira, flores de amendoeira - cedo vêm e pouco duram.

Antes casada arrependida que freira aborrecida.

Biscoito de freira, fanga de trigo.

Em caso de necessidade casa a freira com o frade.

Pregar a padres, confessar freiras e expulsar cães é perder o tempo e o trabalho.

Quando a abadessa é careca as freiras são pouco encabeladas.

Peixeira que não mente na bolsa o sente.

Não compres de regateira nem te descuides em mesa.

---

e AINDA DE OUTRAS

---

Ama com amigo não a tenhas nem a dês a teu amigo.

Ama gorda - pouco leite.

De ama gorda, leite magro.

A amiga e o amigo mais aqueitam que o lenho.

A casta, a pobreza lhe faz fazer vileza.

Aquela é casta que não foi rogada.

As mais feias que todas, umas e outras fazem as bodas.

As mais feias se querem mais louvadas.

Da feia e da formosa, a mais proveitosa.

De noite, à candeia, parece bonita a feia.

Diz que é formosa, tornar-se-á doida.

Formosa é de rosto a que é boa de seu corpo.

Formosura sem amor e sol em Janeiro andam sempre atrás do outeiro.

Linda cara, meio dote.

Não há bela sem senão nem feia sem sua graça.

Não são as formosas para os formosos.

Nem tão formosa que mate, nem feia que espante.

O fumo vai para as formosas mas fá-las ranhosas.

Quem não se enfeita por si enjeita.

Faz conta com a hospeda e verás o que te fica.

Hospeda formosa dano faz à bolsa.

A má irmã não te ama.

Aldeã é a galinha e vai à mesa da rainha.

A casa de tua tia não irás cada dia.

De dia em dia morreu minha tia.

A marido serve-o como amigo e guarda-te dele como inimigo.

A morte do meu marido - pouca cara e muito gemido.

Esperando marido e cavaleiro, chegam-me as tetas ao bragueiro.

Mal pequenino, antes em mim que em meu marido.

Pelo marido, rainha - pelo marido, mesquinha.

Em casa manda ela, quem manda nela sou eu.

Mal vai a casa em que a roca manda mais que a espada.

Mal vai o fuso quando a barba não anda em cima.

Perda de marido, perda de alguidar - um quebrado, outro no poial.

Quem é cornudo e consente o seja para sempre.

Ruim tesoura faz o marido boquitorto.

Debaixo da manta tanto vale a preta como a branca.

Mais vale morena engraçada que branca desconsolada.

Moura mexida, moura perdida.

A magra baila na boda e não a gorda.

A que com muitos se casa a todos enfada.

Com licença... Entra o pito seu papinho quer encher. Onde há galos não contam as galinhas, sempre assim se ouviu dizer.

Nunca falta um paspalhão para uma paspalhona.

Olho branco em portuguesa - ou filha de potra ou da natureza.

Quanto mais beata mais coirata.

Quem mal marida sempre tem que diga.

Quem te ensinou a remendar? Filhos pequenos e pouco pão para lhe dar.

a quase totalidade dos provérbios e ditados foi retirada da obra de

Fernando Ribeiro de Mello, "Nova recolha de provérbios portugueses e outros lugares-comuns". (p. 54-417)

---

INDICE DE AUTORES

---

AUTORES	PAGINAS
Almeida Garrett	52
Altino do Tojal	51
Alves Redol	13, 16, 31, 32, 36, 41, 47, 51, 56 60, 68, 69, 78, 80, 83, 84, 88
Antônio Aleixo	31, 83
Antônio Lobo Antunes	41
Aquilino Ribeiro	16
Camilo Castelo Branco	13, 14, 17, 33, 34, 42, 51 52, 60, 76, 88
Clara Pinto Correia	89
Cristóvão de Aguiar	17, 20, 38, 43, 69, 80

Eça de Queirós	14, 35, 43, 52, 64, 66, 69
Eugénio de Andrade	89
Fernando Dacosta	84, 85
Fialho de Almeida	28, 53
Francisco Miguel	44, 70
Ilse Losa	38, 70, 89
João de Melo	48, 53, 56, 85
José de Almada Negreiros	45, 90
José Cardoso Pires	44, 90
José Saramago	53, 55, 56, 79, 85
Júlio Dinis	45
Manuel da Fonseca	38, 45, 48, 71
Miguel Torga	36, 77
Raúl Brandão	15, 29, 30, 36, 46, 58, 71, 72 73, 74, 82, 86, 87
Romeu Correia	39, 49
Vitorino Nemésio	39

---

REFERENCIAS

---

Almeida Garrett, "Viagens na minha terra", livros de bolso Europa-América, nº 26, 1976.

Altino do Tojal, "Ester" in "Os Putos", Circulo de Leitores, 1977.

Alves Redol, "Avieiros", livros de bolso Europa-América, nº 214.

Alves Redol, "Barranco de Cegos", livros de bolso Europa-América, nº 351.

Alves Redol, "Fanga", Publicações Europa-América, 1980.

Alves Redol, "Histórias Afluentes", Publicações Europa-América, 1980.

Alves Redol, "Horizonte Cerrado (Ciclo Port Wine - I)", Publicações Europa-América, 1981.

Alves Redol, "Marês", Publicações Europa-América, 1978.

Alves Redol, "Olhos de água", Publicações Europa-América, 1978.

Alves Redol, "Os homens e as sombras (Ciclo Port Wine - II)", Publicações Europa-América, 1981.

Alves Redol, "Porto Manso", Editorial Inquérito, 1946.

Alves Redol, "Vindima de sangue (Ciclo Port Wine - III)", Publicações Europa-América, 1980.

Antônio Aleixo, "Este livro que vos deixo ...", Edição de Vitalino Martins Aleixo, 1975.

Antônio Lobo Antunes, "Os cus de judas", Editorial Vega, 1979.

Aquilino Ribeiro, "O Malhadinhas", Livraria Bertrand, 1981.

Camilo Castelo Branco, "A corja", livros de bolso Europa-América, nº 262.

Camilo Castelo Branco, "A filha do arcediogo", livros de bolso Europa-América, nº 144, 1977.

Camilo Castelo Branco, "A queda dum anjo", livros de bolso Europa-América, nº 218, 1983.

Camilo Castelo Branco, "Coração, cabeça e estômago", livros de bolso Europa-América, nº 240.

Camilo Castelo Branco, "O livro negro de padre Dinis", volume I, livros de bolso Europa-América nº 342.

Clara Pinto Correia, "Um esquema", edições Rolim, 1985.

Cristovão de Aguiar, "Ciclone de Setembro", Editorial Caminho, 1985.

Cristovão de Aguiar, "Raiz comovida - a semente e a seiva", Livraria Bertrand, 1980.

Eça de Queirós, "A Cidade e as Serras", Editora Ulisseia.

Eça de Queirós, "A correspondência de Fradique Mendes", Livros do Brasil.

Eça de Queirós, "Alves & C<sup>a</sup>. e Outras Ficções", Livros do Brasil.

Eça de Queirós, "José Matias" in "Contos", Livros do Brasil.

Eugênio de Andrade, "Memória Douro Rio", Editora Limiar, 1978.

Fernando Dacosta, "O Viúvo", Publicações Dom Quixote, 1987.

Fernando Ribeiro de Melo, "Nova recolha de provérbios portugueses e outros lugares - comuns", Edições Afrodite, 1988.

Fialho de Almeida, "Contos", livros de bolso Europa-América, nº 347.

Francisco Miguel, "Uma vida na revolução", A Opinião, 1977.

Ilse Losa, "Rio sem ponte", Edições Afrontamento, 1988.

João de Melo, "Gente Feliz com Lágrimas", Publicações Dom Quixote, 1988.

José de Almada Negreiros, "Obras completas nº 2 - Romance", Editorial Estampa, 1971.

José de Almada Negreiros, "Obras completas nº 3 - Teatro", Editorial Estampa, 1971.

José Cardoso Pires, "O hóspede de job", Circulo de Leitores.

José Cardoso Pires, "O render dos heróis", Arcádia, 1965.

José Saramago, "A Jangada de Pedra", Editorial Caminho, 1986.

José Saramago, "Levantado do chão", Editorial Caminho, 1980.

José Saramago, "Manual de Pintura e Caligrafia", Editorial Caminho, 1983.

Júlio Dinis, "Uma Família Inglesa", Livraria Civilização-Editora, 1971.

Manuel da Fonseca, "Aldeia Nova", Editorial Caminho, 1984.

Manuel da Fonseca, "Crônicas Algarvias", Editorial Caminho, 1986.

Manuel da Fonseca, "Seara de Vento", Editorial Caminho, 1984.

Miguel Torga, "A criação do mundo", Vol. I, Coimbra, 1969.

Miguel Torga, "A criação do mundo", Vol. III, Coimbra, 1971.

Raúl Brandão, "Os pescadores", Estúdios Cor, 1973.

Raúl Brandão, "Os pobres", Publicações Anagrama.

Romeu Correia, "Bocage", Edições Maria da Fonte,  
1978.

Vitorino Nemésio, "Mau tempo no canal", Bertrand  
Editora, 1980.